



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL  
FACULDADE DE PEDAGOGIA

JEFFERSON DA SILVA ALVES

**A MITOPOÉTICA AMAZÔNICA NAS PERCEPÇÕES DE DISCENTES NUMA  
ESCOLA DA AGROVILA DE SÃO RAIMUNDO EM CASTANHAL - PA**

CASTANHAL / PA  
2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL  
FACULDADE DE PEDAGOGIA

JEFFERSON DA SILVA ALVES

**A MITOPOÉTICA AMAZÔNICA NAS PERCEPÇÕES DE DISCENTES NUMA  
ESCOLA DA AGROVILA DE SÃO RAIMUNDO EM CASTANHAL - PA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Pedagogia, da Universidade Federal do Pará, Campus de Castanhal, como requisito para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Assunção José Pureza Amaral.

CASTANHAL / PA  
2019

JEFFERSON DA SILVA ALVES

**A MITOPOÉTICA AMAZÔNICA NAS PERCEPÇÕES DE DISCENTES NUMA  
ESCOLA DA AGROVILA DE SÃO RAIMUNDO EM CASTANHAL - PA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Pedagogia, da Universidade Federal do Pará, Campus de Castanhal, como requisito para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Assunção José Pureza Amaral.

Data de avaliação: \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019

Horário: \_\_\_\_\_

**Banca Examinadora**

Orientador (presidente): Prof. Assunção José Pureza Amaral

Titulação: Doutor

Instituição: UFPA

Membro interno: Prof. João Batista Santiago Ramos

Titulação: Doutor

Instituição: UFPA

Membro externo: Prof. Luiz Carlos de Carvalho Dias

Titulação: Mestre

Instituição: UFPA

Ao Deus, família e amigos.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiro ao Deus pelo dom da vida, pela saúde e por cada amanhecer que ele me proporciona.

Agradeço imensamente à Universidade Federal do Pará, pela oportunidade de ingressar no universo acadêmico. Sou muito grato nesta trajetória universitária ao Prof. Dr. Francisco Valdinei dos Santos Anjos, ao Prof. Dr. João Batista Santiago Ramos e a Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Eula Regina Lima Nascimento, por me auxiliar e ajudar em diversos momentos da vida acadêmica e, além dela. Agradeço aos professores da Faculdade de Pedagogia pelo conhecimento compartilhado e, principalmente ao meu orientador Prof. Dr. Assunção José Pureza Amaral por toda troca de experiências e conhecimento, dedicação e atenção em me auxiliar nesta jornada até sua conclusão. Sem vocês não seria possível chegar na reta final.

Ao secretário da minha Faculdade, Washington Luís, aos colaboradores dos serviços gerais e aos guardas/seguranças que zelam por este lugar.

Nesse percurso acadêmico não posso deixar de falar na pessoa do Prof. Msc. Luiz Carlos de Carvalho Dias, que sem dúvida foi a pessoa que me enveredou por caminhos e percursos não imaginados, de profundo aprendizado e significativa importância para mim, sou muito grato e tenho um carinho especial por sua pessoa.

Agradeço também a todos da agrovila São Raimundo pela colaboração na minha pesquisa e, em nome da escola Manoel Alfaia, a professora Maria Moura.

Sou imensamente grato aos meus pais João Batista Osório Alves e Maria do Socorro da Silva Alves, pelos ensinamentos e por todo apoio que sempre me deram, mesmo em todas as dificuldades financeiras e sociais, sempre estavam ali com palavras de motivação, apoio e positividade, tendo sempre esperança e acreditando no melhor.

Agradeço, ainda, ao apoio e “empurrão” de meu irmão Prof. Dr. João Paulo da Silva Alves e de seu colega de trabalho, o Prof. Dr. Charles da Rocha Silva que foram os grandes impulsionadores de minha trajetória inicial na vida universitária.

Aos meus avós, Maria Mendes da Silva e Antônio Saraiva da Silva que sempre estiveram presentes, acompanhando essa trajetória na universidade, sempre querendo saber como íamos e se estávamos aprendendo.

Também quero deixar registrado nesses quatro anos e meio, o companheirismo e apoio nos trabalhos de meus colegas de classe: Ailto Ramos, Francisca Elaine, Leysiane de Souza, que sempre estiveram ali me apoiando e auxiliando em todos os sentidos da vida universitária. E mais, estendo este agradecimento, a todos os amigos que tenho.

Sim eu tenho a cara do saci, o sabor do tucumã  
Tenho as asas do curió, e namoro cunhatã  
Tenho o cheiro do patchouli e o gosto do taperebá  
Eu sou açá e cobra grande  
O curupira sim saiu de mim, saiu de mim, saiu de mim...  
Sei cantar o “tár” do carimbó, do siriá e do lundu  
O caboclo lá de Cameté e o índio do Xingu  
Tenho a força do muiraquitã  
Sou pipira das manhãs  
Sou o boto, igarapé  
Sou rio Negro e Tocantins  
Samaúma da floresta, peixe-boi e jabuti  
Mururé filho da selva  
A boiúna está em mim  
Sou curumim, sou Guajará ou Valdemar, o Marajó, cunhã...  
A pororoca sim nasceu em mim, nasceu em mim, nasceu em mim...  
Se eu tenho a cara do Pará, o calor do tarubá  
Um uirapuru que sonha  
Sou muito mais...  
Eu sou, Amazônia! (2x)

Nilson Chaves - Amazônia

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender a mitopoética amazônica nas percepções de discentes numa escola da agrovila de São Raimundo em Castanhal, configura-se como de abordagem qualitativa, através da aplicação de entrevistas semiestruturadas com: 02 professoras da escola São Raimundo, 03 ex-professores da comunidade, 05 moradores na faixa-etária de 25 a 80 anos. Além de conversas informais com alguns alunos da escola de São Raimundo. Utilizamos os autores: Loureiro (2001, 2005), Severino (2007), Lakatos e Marconi (2009), Brandão (2002), Cruz (2013), Brasil (1988, 1996, 2010), Durand (2012), Bachelard (1988), Rocha (1996), Pinheiro (2018) dentre outros para oferecer embasamento teórico. Os resultados da pesquisa permitiram conhecer melhor o perfil dos respondentes e sua cultura.

**Palavras-chave:** Cultura. Percepções. Mitopoética Amazônica.

## **ABSTRACT**

This work aims to understand the Amazon mythopoetics in the students' perceptions in a school of the São Raimundo agroforestry in Castanhal, it is configured as a qualitative approach, through the application of semi-structured interviews with: 02 teachers from the São Raimundo, 03 former teachers of the community, 05 residents in the age group of 25 to 80 years. In addition to informal conversations with some students of the school of São Raimundo. We use the authors: Loureiro (2001, 2005), Severino (2007), Lakatos and Marconi (2009), Brandão (2002), Cruz (2013), Brazil (1988, 1996, 2010), Durand (2012), Bachelard (1988), Rocha (1996), Pinheiro (2018) among others to provide theoretical basis. The results of the research allowed to know better the profile of respondents and their culture.

**Keywords:** Culture. Perceptions. Amazon Mythopoetics.

## **LISTA DE SIGLAS**

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

DCN's - Diretrizes Curriculares Nacionais

EA - Educação Ambiental

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

LDB - Lei de Diretrizes e Bases

PCN's - Parâmetros Curriculares Nacionais

PNEA - Política Nacional de Educação Ambiental

SEMED - Secretaria de Educação

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO: EXPERIÊNCIAS EM EXTENSÃO E A JUSTIFICATIVA DESSE TRABALHO.....</b>	<b>11</b>
<b>1. SEÇÃO - BREVE METODOLOGIA DA COLETA DA PESQUISA.....</b>	<b>16</b>
<b>2. SEÇÃO - CULTURA E EDUCAÇÃO AMAZÔNICA EM FOCO .....</b>	<b>18</b>
<b>2.1 A MITOPOÉTICA AMAZÔNICA COMO “PRÁXIS” EDUCATIVA.....</b>	<b>20</b>
<b>2.2 DAS NARRATIVAS ORAIS À MEMÓRIA COLETIVA .....</b>	<b>25</b>
<b>2.3 EDUCAÇÃO PATRIMONIAL .....</b>	<b>29</b>
<b>3. SEÇÃO - COLETA, APLICAÇÃO E DISCUSSÃO.....</b>	<b>33</b>
<b>3.1 ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA.....</b>	<b>33</b>
<b>3.2 COMUNIDADE E ESCOLA .....</b>	<b>34</b>
<b>3.3 PROJETO “ENCANTADO...” .....</b>	<b>35</b>
<b>3.4 INFORMAÇÕES DE MORADORES .....</b>	<b>38</b>
<b>3.5 ENTREVISTAS COM PROFESSORES.....</b>	<b>40</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>53</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>55</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>58</b>

## **INTRODUÇÃO: EXPERIÊNCIAS EM EXTENSÃO E A JUSTIFICATIVA DESSE TRABALHO**

O projeto de extensão “Encantados – A Mitopoética Cultural Amazônica como Elemento Educativo Socializador”, coordenado pelo professor Luiz Carlos Dias, situado na UFPA – Campus Castanhal, foi o grande divisor de águas na minha trajetória acadêmica, de modo que, depois de lecionar uma disciplina chamada Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, na turma de pedagogia no ano de 2015 - turno vespertino, o professor fazia a explanação de seu plano de aula e conjugava-o com a temática que ele trabalhava no projeto, sempre buscando despertar as cabeças para a pesquisa. Isso foi à centelha que me fez destravar o pensamento para o trabalho como pesquisador, além de trabalhar com uma linha de pesquisa que sempre foi de meu interesse estudar, “Cultura Amazônica, Meio Ambiente e Educação”.

Na *parte inicial* do trabalho, o leitor pode ver a apresentação dos percalços que o pesquisador trilhou enquanto esteve atuante e imerso nesse mundo acadêmico de busca intensa pelo conhecimento patrimonial local.

Deste modo, o trabalho com a pesquisa acadêmica veio como um ganho significativo de aprendizados e ajudou expressivamente na forma como me portar em sala de aula e questionar os conteúdos e pontos de vistas, me transformando um ser social envolvido pela “práxis” educativa que fui adquirindo na academia. Na verdade, essa redescoberta que fiz enquanto tecia o percurso de modo inicial ainda como pesquisador, foi a quebra do paradigma da passividade, para o prisma de vivenciar a relação com o conhecimento próximo.

Neste sentido, o projeto “Encantados – A Mitopoética Cultural Amazônica como Elemento Educativo Socializador”, foi o estopim para engendrar no campo da pesquisa acadêmica, como também, para me cativar e conquistar ainda mais, pois sempre tive em mente que queria pensar e problematizar questões relacionadas à educação, no prisma da cultura amazônica, tendo por base a cultura paraense, de (re)conquistar e (re)significar o valor sociocultural do nosso patrimônio cultural imaterial.

De fato, a preocupação que tinha antes de adentrar a universidade com os valores e patrimônios de nossa cultura fora sempre o limiar de minha trajetória enquanto pesquisador, sendo assim, ao entrar no projeto isso se aflorou ainda mais e cresceu, evidenciando essa preocupação com o patrimônio e com sua salvaguarda, pois, notei que em grande parte ao que tange a cultura imaterial, há certo descaso por parte das autoridades, se não forem às pessoas

de determinados grupos, esse saber, ritos, histórias, danças, brincadeiras etc., podem ser perdidos com o passar do tempo.

Então, esse projeto foi a porta pela qual eu fui buscar, me inquietar, de produzir algo que no futuro os professores pudessem usar como metodologia para ajudar na salvaguarda de nosso patrimônio em suas salas de aula e nas escolas. O objetivo é catalogar as histórias, narrativas orais, ritos culturais, imagens dos seres encantados traduzidas nessas histórias e imprimi-las em documentos, retirando-as do fundo do mundo imaginário amazônico das pessoas que dela tiveram ou vivenciaram algum contato e, colocando-as agora com foco na visibilidade, para que as futuras gerações possam olhar e reconhecer as origens de suas identidades e fazer uso delas, dando importância e valor aos seus antepassados, assim como, evidencia nesses educandos o sentimento de pertencimento e ligação com sua história, dar crédito a sua cultura para que não vire “fumaça”.

Uma questão que se levanta aqui, é que há pouco ou quase nenhum projeto com o viés da educação ambiental na Universidade Federal do Pará (UFPA) – Campus Universitário de Castanhal (CUNCAST), entrelaçando aspectos da narrativa cultural e os traços de salvaguarda e proteção de nossa cultura, versando sobre a preservação e divulgação do que é nosso, valorizando assim, a cultura local paraense e amazônica. Tal fator foi o que me fez concorrer à bolsa nos anos de 2016 e 2017. Quando obtive sucesso em conseguir o recurso financeiro e trabalhar com as produções já existentes e produzir outras para o meio acadêmico, dando o retorno necessário ao que o governo nos exigia.

A frente deste projeto, juntamente com o coordenador, o prof. Luiz Carlos Dias, e outros colaboradores desenvolvemos encontros de estudos, planejamos e realizamos eventos, fizemos juntamente com a Assessoria de Comunicação (ASCOM) da UFPA, vídeos documentários de nosso trabalho, além de oficinas, palestras e apresentações de trabalhos em eventos dentro e fora da universidade.

*A priori*, nosso local de pesquisa era o município de Colares, no Nordeste do Estado do Pará, mais precisamente as comunidades rurais e ribeirinhas de seu entorno, mas devido a problemas financeiros essa opção ficou inviável e, depois de reuniões e conversas dos membros do grupo de estudo do projeto, e de pressões por parte de nosso financiador em dar a devolutiva do que tínhamos produzido. Devido à contribuição e experiência vivenciada com minha mãe, dona Maria do Socorro: lavando roupa no igarapé. E assim me veio à cabeça a rotina de minha mãe, ela foi à chave para que eu apresentasse a proposta para fazermos na agrovila de São Raimundo, pertencente ao município de Castanhal, também no Nordeste Paraense, por ser uma localidade próxima ao centro de Castanhal e, sem mais delongas e

diante da necessidade que estávamos passando, o coordenador juntamente com os outros membros aceitaram a minha opção para continuar as pesquisas.

No local selecionado e pesquisado, fiz os seguintes movimentos: sondagens com ida a escola e a comunidade; conversas com alguns moradores; “intervenção” na agrovila com um dia inteiro de atividades lúdicas com as crianças da comunidade; produção de artigos e relatórios, de modo que, o projeto encerrou com o II Workshop de Formação e Reflexão, com entrega de certificados, culminando com um momento de colaboração de aprendizado e a apresentação de um vídeo didático produzido, fechando assim as atividades do projeto. Mas também inicia uma nova etapa, agora de pesquisa sobre a mitopoética na agrovila São Raimundo, que trata esse trabalho.

Em muitas comunidades rurais/ribeirinhas/assentados/comunidades da floresta da Amazônia/Pará, a educação escolar pouco articula as vivências das crianças e de seu cotidiano, principalmente no que se referem às narrativas do cotidiano de visagens, assombrações e encantarias narradas por moradores do lugar ou de outros lugares, muitos desses, parentes das crianças/alunos.

Essas narrativas podem ser articuladas entre os campos da Cultura nas suas diversas manifestações e ocasiões, e a Educação em seus mais específicos e heterônomos espaços. Observamos na cultura das narrativas orais o diálogo possível entre os dois campos para a salvaguarda desse patrimônio<sup>1</sup> imaterial e como educação socializadora à memória coletiva do lugar.

Mitos e lendas sobre seres encantados se apresentam de forma bastante significativa no imaginário das crianças, são narrativas simples, primeiras/primárias, mas de grande simbolismo. Entendemos que a criança se socializa e se constitui como sujeito social, interpretando o que dizem os adultos; elas, escutando as histórias, criam e participam dessa aventura como personagens das narrativas.

Observamos que nos currículos escolares reais é dada pouca ênfase a esse patrimônio imaterial<sup>2</sup>, e os procedimentos pedagógicos privilegiados pelas instituições governamentais ainda seguem um modelo que marginaliza essas expressões culturais e a criatividade da criança sobre essas narrativas ou as trata como elemento cultural menor; ainda que escolas,

---

<sup>1</sup> “Patrimônio é tudo o que criamos, valorizamos e queremos preservar: são os monumentos e obras de arte, e também as festas, músicas e danças, os folguedos e as comidas, os saberes, fazeres e falares. Tudo enfim que produzimos com as mãos, as ideias e a fantasia” (CECÍLIA LONDRES apud BRAYNER, 2007, p. 05).

<sup>2</sup> “Os bens culturais imateriais estão relacionados aos saberes, às habilidades, às crenças, às práticas, aos modos de ser das pessoas” (BRAYNER, 2007, p. 16).

comunidades e professores estejam “encharcados” nesse imaginário e convivam no seu cotidiano escolar e comunitário com essas narrativas.

É importante entendermos como fator central desse estudo, as origens do pensamento e do próprio interesse do pesquisador, em estar envolvido na questão da preocupação, salvaguarda e posteriormente, divulgação da cultura amazônica. Desse modo, Paes Loureiro (2001) que tem trabalho de anos nas linhas de Arte, Comunicação, Imaginário, Amazônia, Cultura, Cultura Amazônica, Magistério, Criação Literária, Poesia, Encantaria e Mito, serviu como aporte bibliográfico para esta pesquisa.

Este autor com tamanha bagagem produtiva e acadêmica *a priori* conheci teoricamente quando participava de um projeto de extensão na Universidade Federal do Pará, Campus de Castanhal. Foi salutar tanto o meu interesse, quanto envolvimento com a causa, como também, o convencimento que detinha em participar de algo que tivesse relação com o tema: Cultura Amazônica, Meio Ambiente e Educação.

Sobre esse aspecto, porque não buscar na Universidade alguma pesquisa, projeto, enfim, algo que se aproximasse dessa raiz cultural do lugar do aluno? Que o graduando em sua produção possa se sentir parte de algo, parte integrante do processo acadêmico-científico. É salutar entender que as lendas, os seres encantados, e todo tipo de histórias que as comunidades tenham, são verdadeiros marcadores de identidade, são a essência do patrimônio imaterial que precisa e deve ser preservada e, levada às gerações futuras, porque é isso que na verdade representa o fator determinante da cultura de um povo.

Em Loureiro (2001) temos a percepção clara de como é esse imaginário poetizante, envolvido por seres “encantados” que povoam as narrativas orais e, “encharcam” a memória coletiva do povo, são verdadeiras marcas da riqueza sociocultural e artística desse recanto amazônico, que é aspecto característico e particular do povo dessa região. Para exemplificar melhor como esse imaginário mito-poético faz parte da cultura popular<sup>3</sup> e é parte central de sua vida social, apresento nas seguintes passagens do livro Cultura amazônica – uma poética do imaginário (2001) de Loureiro, a origem pela qual ele pontua o seguinte sobre essa relação com o sentido da vida e os perigos dela.

Ao longo da **história social** da Amazônia, esses seres encantados foram-se constituindo numa espécie de vetor mitológico que se destaca esteticamente e que insere no sistema do universo cultural amazônico como elemento que a

---

<sup>3</sup> “É o conjunto de criações que emanam de uma comunidade cultural, fundadas na tradição, expressas por um grupo ou por indivíduos e que reconhecidamente respondem às expectativas da comunidade enquanto expressão de sua identidade cultural e social” (BRASIL, 2019).

um só tempo explica e encobre a realidade (grifo nosso) (LOUREIRO, 2001, p. 96-97).

[...] “A **vida social**, além das diversas legitimações e racionalizações com que costumamos orná-la, é atravessada de um extremo ao outro por este aleatório, esta causalidade”. São reflexões adequadas aos aspectos da cultura amazônica, na compreensão de seus mitos, orgiasticamente encarnados de alegria, humor, desejo, amor, ódio e paixão. Modalidades de uma fantasia incorporada na produção artística da cultura (grifo nosso) (LOUREIRO, 2001, p. 97-98).

Na Amazônia as pessoas ainda veem seus deuses, convivem com seus mitos, personificam suas ideias e as coisas que admiram. A **vida social** ainda permanece impregnada do espírito da infância, no sentido de encantar-se com a exploração poetizante e alegórica das coisas. Procuram explicar o que não conhecem, descobrindo o mundo pelo estranhamento, alimentando o desejo de conhecer e desvendar o sentido das coisas em seu redor (grifo nosso) (LOUREIRO, 2001, p. 110).

Nesse sentido, esta produção acadêmica vem fazer eco na academia e na sociedade, no intuito de trazer à vista do público que isso é parte integrante de nossa cultura, e não uma simples e mera representação cultural, que se pauta em mitos, lendas, contos, músicas e narrativas que contam uma história e buscam explicar o sentido de estar neste mundo.

O objetivo dessa pesquisa, portanto, é evidenciar se, e como o trabalho escolar pode ajudar na (re)construção e (re)significação das identidades do aluno junto da mitopoética<sup>4</sup> amazônica, promovendo a interação entre a escola e os saberes do povo da comunidade.

Além disso, conhecer como a escola no trato com a educação deve usar a educação patrimonial e as produções didáticas do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) no sentido de mostrar e cultivar no grupo social à discussão sobre a mitopoética amazônica e áreas afins, que são em essência a raiz e matriz da cultura local do educando.

Esta produção está estruturada em três seções: a primeira seção focaliza numa “breve metodologia da coleta da pesquisa”; a segunda seção “Cultura e educação amazônica em foco”, corresponde a esse mergulho na literatura já existente e busca evidenciar ao leitor durante a leitura do trabalho, a (re)construção e (re)significação do seu senso de pertencimento e o valor identitário a sua cultura. A terceira seção, “Análise dos dados da pesquisa”, corresponde ao mergulho no local da pesquisa, na interação e imersão com os sujeitos entrevistados, na análise dos dados coletados.

<sup>4</sup> “Do grego mythopoiesis. A criação de um mito. Procedência ou origem dos mitos” (FERREIRA, 1986, p. 1143). Quando se refere aos trabalhos de Loureiro podemos dizer que mitopoética se trata do “elemento ou moldura” (dos mitos) “que o autor se serve para realizar suas obras” (LOUREIRO, 2001). [...]. As mitopoéticas atestam experiências, padrões de vida, refletem vivências. São criações nascidas da experiência local, que movimentam valores particulares da região e refletem uma cosmovisão nos limites do horizonte da cultura do amazônida. As mitopoéticas permitem vislumbrar as relações sociais e culturais por elas veiculadas, e os modos como as sociedades organizam o imaginário e constroem o saber (CRUZ, 2013, p. VII).

E, por fim, chego a tecer considerações finais de valor acadêmico e sociocultural que possa deixar marcado nesse trabalho, a sua importância e a própria salvaguarda da cultura de um povo.

## 1. SEÇÃO - BREVE METODOLOGIA DA COLETA DA PESQUISA

Esta seção trata dos métodos de pesquisas, os percursos que o trabalho acadêmico deverá tomar, ‘ponto de partida’, as direções e decisões que o pesquisador deve tomar pautadas mediante o planejamento de roteiro. Em suma, “é uma parte complexa que requer maior atenção do pesquisador” (DESLANDES et al., 1994, p. 42).

A pesquisa tem caráter quali/quantitativa, delimitada numa pesquisa de campo *in loco* com uso de entrevista e conversas informais, em que o foco principal é evidenciar se e como o trabalho escolar pode ajudar na (re)construção e (re)significação das identidades do aluno, entrelaçando a mitopoética amazônica e promovendo a interação entre escola e os saberes do povo da comunidade.

A primeira parte da pesquisa foi a fonte bibliográfica. Nesse sentido, Severino (2007, p. 122) destaca, “a pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrentes de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos e teses etc.”. Então, utilizei nesta produção fontes teóricas de estudos com viés ligado ao assunto em questão, e que foram em grande parte, a origem das contribuições importantes para o assunto traçado nesta pesquisa.

A segunda parte focalizou na pesquisa de campo, desse modo, é fecundo retomar para esse trabalho as contribuições de Severino (2007), para nos esclarecer sobre o “objeto/fonte” que é o *lócus* onde ocorreu a segunda fase da pesquisa.

Na *pesquisa de campo*, o objeto/fonte é abordado em seu meio ambiente próprio. A coleta de dados é feita nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem, sendo assim diretamente observados, sem intervenções e manuseio por parte do pesquisador (SEVERINO, 2007, p. 123).

Nas visitas feitas à comunidade foram realizadas observações, no qual, voltei a atenção para o cotidiano e o social dos pesquisandos. Nesse sentido, focalizei no aspecto observação participante, “consiste na participação real do pesquisador com a comunidade ou grupo. Ele se incorpora ao grupo, confunde-se com ele. Fica tão próximo quanto um membro do grupo que está estudando e participa das atividades normais deste”. De modo que, “o objetivo deste meio é ganhar a confiança do grupo, fazer os indivíduos compreenderem a

importância da investigação, sem ocultar o seu objetivo ou sua missão [...]” (LAKATOS; MARCONI, 2009, p. 194).

Este trabalho está organizado em três fases: A primeira, destinada à busca de referenciais teóricos para fundamentar e ratificar o trabalho, tais como: a biblioteca da universidade; os sites de produção científica, como a CAPES, Scielo, Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN’s), Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN’s), legislações, entre outros.

Na segunda e terceira fase, faremos uso dos aspectos metodológicos, tais como: a observação (participante) no campo; entrevistas (semiestruturadas) com os professores da escola e alguns moradores; conversas informais com alguns alunos da escola e será feita a análise desses dados e tecidas algumas considerações sobre o objetivo da pesquisa, em relação ao que se chegou, respectivamente.

Tive acesso a documentos, como o Projeto Político Pedagógico da escola; documentos históricos da comunidade e da escola e; a “monografia produzida pela equipe técnica da escola”.

Outra técnica utilizada foi à entrevista semiestruturada, no qual temos o seguinte pressuposto, ela proporciona “ao entrevistador uma liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada. É uma forma de poder explorar mais amplamente uma questão. Em geral, as perguntas são abertas e podem ser respondidas dentro de uma conversação informal” (LAKATOS; MARCONI, 2009, p. 197).

Nesse mesmo viés de trabalho sobre a questão das entrevistas não-diretivas, Severino (2007) é requisitado para falar, e levanta o seguinte pressuposto:

Por meio delas, colhem-se informações dos sujeitos a partir do seu discurso livre. O entrevistador mantém-se em escuta atenta, registrando todas as informações e só intervindo discretamente para, eventualmente, estimular o depoente. De preferência, deve praticar um diálogo descontraído, deixando o informante à vontade para expressar sem constrangimentos suas representações (SEVERINO, 2007, p. 125).

Para este trabalho foi proposto estudar, puramente pela técnica entrevista, mas devido às condições de coleta e o tipo de público que iria pesquisar, por serem crianças do fundamental menor, foi mais viável mudar para conversas informais, que *a priori* oferece condições mais significativas de coletar o que esse público pode oferecer, de modo que, esse contato “frente a frente” com o papel significa a quebra do paradigma “vergonha”, pois esse indivíduo poderá mostrar e registrar o que lhe é rotineiro na comunidade, sem se sentir fora de sua zona de conforto.

Severino (2007) traz contribuições significativas sobre essa técnica, o autor diz a respeito que é um:

Conjunto de questões, sistematicamente articuladas, que se destinam a levantar informações escritas por parte dos sujeitos pesquisados, com vistas a conhecer a opinião dos mesmos sobre os assuntos em estudo. As questões devem ser pertinentes ao objeto e claramente formuladas, de modo a serem bem compreendidas pelos sujeitos (SEVERINO, 2007, p. 125).

A pesquisa contou ainda com a participação da professora M. Nelma M. S. e da professora V. G. Martins na entrevista semiestruturada e que contribuiu com muitas informações sobre sua rotina na escola da comunidade, a pesquisa também contou com a ajuda de alguns moradores, como os alunos de duas turmas, por meio das conversas informais que ajudou a ter ideia do perfil cultural desses indivíduos.

Também entrevistei pessoas do entorno da escola, como é o caso do E. Pereira e de muitos outros indivíduos que fiz o resgate das suas histórias, por meio dos relatos registrados em nossos relatórios lá no projeto “A Mitopoética Cultural Amazônica como Elemento Educativo Socializador”.

O processo de análise aqui adotado não envolve análises estruturadas ou propostas por alguns teóricos, mesmo se tratando de análise de narrativas míticas, desenhos, escrita e contação de histórias, que tem uma base fundamentada e sugerida por Roland Barthes ou a análise estrutural dos mitos indicada por Lévy-Strauss. As análises aqui utilizadas partem das interpretações das narrativas orais, relatos de moradores e dados coletados, os quais serão usados para dar base às questões deste estudo e dos próximos que surgirem a partir desse.

## **2. SEÇÃO - CULTURA E EDUCAÇÃO AMAZÔNICA EM FOCO**

Falar do campo da cultura entrelaçado a educação é salutar e muito importante, não somente pelo resgate histórico, mas, sobretudo, pela costura que o leitor pode ir fazendo em relação aos fatores que permearam a construção desse trabalho. Todo esse esforço caminha para evidenciar o quão importante é essa pesquisa, e levanta questões para fazer-nos refletir sobre nossa didática e forma de trabalhar em sala perante nossos alunos. De resgatar essa identidade cultural a muito relegada e ruindo ao esquecimento.

Deste modo, para compreender melhor o termo cultura é necessário incorrer ao dicionário de filosofia, no qual, Abbagnano (2007) destaca:

Esse termo tem dois significados básicos. No primeiro e mais antigo, significa a *formação* do homem, sua melhoria e seu refinamento [...]. No segundo significado, indica o produto dessa formação, ou seja, o conjunto dos modos de viver e de pensar cultivados, civilizados, polidos, que também costumam ser indicados pelo nome de *civilização* (ABBAGNANO, 2007, p. 225).

Antes de entrar no aspecto da relação da cultura com a educação, é necessário irmos construindo as bases de como essa interação foi se delineando e serpenteando o campo do saber, e posteriormente, o conhecimento estruturado e significativo dos sujeitos sociais. Assim, para entender esse percurso é interessante recorrer a Brandão (2002) onde ele diz o seguinte:

Aí estão tanto os cantos e danças, os ritos e crenças de um povo, quanto os seus “mapas simbólicos” de roteiros de preceitos e princípios que configuram os diferentes códigos e as gramáticas dos rituais e jogos de trocas de bens, de pessoas e de mensagens com o que recriamos a cada dia a experiência da reciprocidade. O que, na verdade, se realiza não tanto de ideias e de ideais de vida, mas de cotidianas negociações entre pessoas e entre categorias de pessoas.

(...)

Viver uma cultura é estabelecer em mim e com os meus outros a possibilidade do presente. A cultura configura o mapa da própria possibilidade da vida social. Ela não é a economia e nem o poder em si mesmos, mas o cenário multifacetado e polissêmico em que uma coisa e a outra são possíveis. Ela consiste tanto de valores e imaginários que representam o patrimônio espiritual de um povo, quanto das negociações cotidianas através das quais cada um de nós e todos nós tornamos a vida social possível e significativa (BRANDÃO, 2002, p. 24).

E o autor continua falando que:

A *educação* é um dos nomes dados a este milagre. Brandão lembra outros: *socialização, endoculturação, internalização da cultura* e outros. Todos têm, no entanto, algo em comum: são progressivos e resultam em processos de interação de saberes em graus e modos sempre mais amplos e profundos; não são necessariamente restritos a ciclos restritos da vida, podendo acompanhar a pessoa ao longo de toda a sua vida; são sempre o resultado de interações significativas da pessoa com ela mesma (“estou só, logo, somos quatro”, dizia em algum lugar Gaston Bachelard), de pessoas entre elas, como sujeitos sociais e como categorias diferenciais de sociabilidade, e de pessoas com sistemas e estruturas de símbolos e de significados (BRANDÃO, 2002, p. 26).

Segundo Brandão (2002, p. 139) “toda educação é cultura. Toda a teoria da educação é uma dimensão parcelar de alguns sistemas motivados de símbolos e de significados de uma dada cultura, ou do lugar social de um cruzamento de culturas”.

É fundamental compreender esses nuances da construção do conhecimento, buscando a integração da Cultura, dos saberes populares com o científico, e entender que

muitos processos históricos, políticos, das comunidades tradicionais, tudo isso faz parte da formação do eco-cidadão.

Brandão (2007) expõe que:

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos outros, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? Educações (BRANDÃO, 2007, p. 07).

A educação é um processo vivido e gerenciado prioritariamente pelos pais a seus filhos, de modo que, na escola por relações humanas e experiências de vivência com o outro, os sujeitos começam a desbravar os conhecimentos das diversas e vastas disciplinas do currículo escolar, diferentemente de outros fatores, como: caráter, valores morais e éticos, enfim, esses parâmetros, não adquirimos no espaço da escola, mas no seio familiar.

Nesse sentido, a Constituição Federal (1988) em relação “a propagação da cultura”, nos diz o seguinte:

Art. 215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.  
 § 1º O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional (BRASIL, 1988, p. 63).

Por outro lado, a Lei 9.394/96 garante em seu art. 2º, que a educação deve ser inspirada em princípios e valores que ratifiquem o pleno desempenho e desenvolvimento do educando. Propiciando, todo um ambiente, em que, ele possa se desenvolver para as atribuições que a sociedade requer (BRASIL, 1996, p. 04).

O “ser amazônico”, seus costumes, meio ambiente, relação com suas raízes atreladas aos contos, danças, rezas e mitos da floresta, as comidas etc; trazem valores culturais significativos, que estão estritamente ligadas às ações que compõem neste sujeito um ser diverso, que apresenta toda uma riqueza no que tange aos valores sociais e culturais, e que pode ser usado como fator identitário para o aprendizado sólido dos educandos de nossa região amazônica.

## **2.1 A MITOPOÉTICA AMAZÔNICA COMO “PRÁXIS” EDUCATIVA**

A etimologia da palavra “mito<sup>5</sup>” advém do grego *mýthos*, e significa narrativa, fábula, lenda, mitologia. Segundo Durand apud Cruz (2013):

O mito é um *relato fundante* da cultura, tem sempre uma dimensão pedagógica e fornece modelos de comportamento que permitem a construção individual e coletiva da identidade cultural. Os mitos são formas do imaginário coletivo específico de um grupo social, são expressões peculiares dos costumes, da geografia, da história, enfim, de todas as formas de ser, viver e sentir de um povo. Todo esse conhecimento encerrado pelo mito é fonte de onde verte a poesia. Daí dizer-se mitopoética (DURAND apud CRUZ, 2013, p. 16).

Cruz (2013) vem dizer que o mito utilizado na narrativa mitopoética, tem significado e origem nessa rememoração de suas histórias, em que, buscam dar sentido e explicar a sua existência, por tais histórias, são essas narrativas que os povos usam para resguardar, proteger ou dar segurança aos indivíduos que moram nas comunidades rurais de nossa região, é o conhecimento popular que impera no sentido de ditar suas regras e valores morais.

Moisés (2004) fala sobre “mito”, o seguinte:

O termo “mito” tem sido objeto de inúmeras interpretações. A imprecisão de significado, a carga semântica, as raízes sagradas e longínquas, não deixam prendê-lo e mesmo não permitem uma simples definição. Parece fugir a conceitos e teorias únicas. O mito provoca problemáticas de ordens várias: etiológica, antropológica, folclórica, estética que a cultura oferece em amplo espectro (MOISÉS, 2004, p. 298-303).

Segundo Rocha (1996):

O mito é uma narrativa. É um discurso, uma fala. É uma forma de as sociedades espelharem suas contradições, exprimirem seus paradoxos, dúvidas e inquietações. Pode ser visto como uma possibilidade de se refletir sobre a existência, o cosmos, as situações de "estar no mundo" ou as relações sociais (ROCHA, 1996, p. 03).

Diante disso, fica negritoado que precisar uma definição fechada de mito parece um pouco complexa, pois são variados os sentidos que este termo poderia significar, mas para nossa incursão de trabalho, nos servirá aquela que mais se aproxima do fato de representar, ou melhor, caminhar pelo aspecto da narrativa, da origem do ser social (ROCHA, 1996).

Para Rocha (1996) o termo mito em sua discussão leva até as seguintes questões: “Enquanto questão de origem, enquanto questão da verdade e enquanto questão da interpretação”.

---

<sup>5</sup> ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de filosofia. Trad. Alfredo Bossi, Ivone Castilho Benedetti. 5ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 673.

Assim como fator conclusivo de tais questões retiro alguns aspectos de cada uma.

Da verdade, o mito não se propõe ter, mas ficam a eficácia e o valor social; da origem, ele não se propõe possuir, mas fica a sua sempre presença, seus desconhecidos autores, sua improvável localização no tempo; da interpretação, que ele nos propõe como enigma, ficam as mais diversas tentativas do pensamento humano tanto de criá-lo quanto de analisá-lo (ROCHA, 1996, p. 06).

Durante leitura de Loureiro (2001) peguei nas entrelinhas o que o autor passou sobre a relação intrincada do termo “mito e poética”, em que, são exemplificados em separado para depois ser evidenciada a sua verdadeira significação dentro do fator central que é a cultura. E mais especificamente a cultura amazônica.

Desse modo, Loureiro (2001, p. 76) apresenta:

O poético e o mítico sempre apresentam constantes afinidades. Algumas vezes parecem imagens de espelhos paralelos. O mito, muitas vezes, expressa a poética das coletividades humanas, ao relatar sua história idealizada. O poético, por seu lado, mitifica as palavras e os sentimentos, no ato de torná-los poetizados. Mítico e poético são produtos de um **imaginário estetizante**, no entanto, apresentam-se como verdades aparentes, ou formas de verdade, legitimadas pelo livre jogo entre a imaginação e o entendimento, tal como percebido por Kant, na sua *Crítica da Faculdade de Justiça*<sup>6</sup>, ao estudar a essência da beleza. O poético e o mítico estabelecem uma das bases em que se edifica a cultura (grifo nosso) (LOUREIRO, 2001, p. 76).

Dentro desse raciocínio outro termo muito interessante, destacado acima por Loureiro (2001), no qual fala de uma mitopoética calcada no “imaginário estetizante”. Que tipo de imaginário seria esse? Diante disso, porque não buscar nos escritos deste autor o que seria essa representação que é parte integrante do aspecto potencializador da cultura amazônica paraense.

Segundo Loureiro (2001):

Identifica-se na cultura amazônica um imaginário poetizante estetizador governando o sistema de funções culturais, tendo como suporte material a natureza e desenvolvendo-se por meio da vaga atitude contemplativa própria do homem da região em sua imersão no devaneio<sup>7</sup>. Um devaneio que atua como ligação entre o real e o irreal [...] (LOUREIRO, 2001, p. 84).

<sup>6</sup> KANT, Emmanuel. Critique de la faculté de Juger. Trad. A.J.J. Delamarre. Paris, Gallimard, 1985, p. 148.

<sup>7</sup> “O devaneio é o produto do cogito de um sonhador e tem como ponto de partida alguma coisa do presente ou do passado. Nasce na solidão, na paz, na tranquilidade de uma alma feliz e sonhadora. Nesse repouso de suprema felicidade e bem-estar, o ser devaneante transpõe todos os limites ocasionados pela estática percepção” (FERREIRA, 2013, p. 57). “Cogito: exprime a auto-evidência existencial do sujeito pensante, isto é, a certeza que o sujeito pensante tem da sua existência enquanto tal” (ABBAGNANO, 2007, p. 148).

Embora Loureiro (2001) nos sirva de bússola, escutamos de suas palavras não um conceito definitivo para a expressão “Mitopoética”, mas posicionalidades polissêmicas da experiência estética com a narrativa mítica que se entrelaça com a história da ocupação da Amazônia e sua população tradicional e o imaginário construído a partir desse “hibridismo cultural”.

Então na visão de Cruz (2013) “O mito é cognato de outras formas de imaginação humana criadora. A mitopoética é condição indispensável de toda arte”. Sendo assim, fica claro que o mito é narrativa central na formação das histórias e antepassados da existência humana, entre o conhecido e o por conhecer. É a verdadeira marca registrada da identidade de um povo.

Durand (2012) pontua em seu estudo sobre as estruturas antropológicas do imaginário, que o mito é,

[...] um sistema dinâmico de símbolos, arquétipos e esquemas, sistema dinâmico que, sob o impulso de um arquétipo, tende a compor-se em narrativa. O mito é um esboço de racionalização, dado que utiliza o fio do discurso, no qual os símbolos se resolvem em palavras e os arquétipos em ideias (DURAND, 2012, p. 62-63).

Segundo Cruz (2013) “[...] a linguagem mitopoética é uma linguagem literária. E ela se concretiza numa prática sensível, prudente, fundamentada historicamente, da reescritura do mito que é o processo de Mitologia Comparada ou Poética Comparada”.

O comportamento mitopoético poderia ser definido como um estado ao qual o indivíduo (nesse caso o artista, ou, mais precisamente, o poeta) tenta enxergar pelos caminhos do imaginário, uma metamorfose do estado que lhe permite libertar-se de toda determinação e viver um tempo reversível. É este comportamento mitopoético que dá ao escritor o sentimento de revelar o secreto, o oculto; de transcender a condição humana, de voltar a uma palavra original (CRUZ, 2013, p. 16).

Essas contribuições propostas por Cruz (2013) são esclarecedoras no sentido de ajudar a compreender como:

A criação mitopoética literária nasce de uma relação cultural territorializada que nutre o trajeto antropológico do artista por sua cultura, a partir de experiências decorrentes de sua existência concreta. Assim, as mitopoéticas estão intimamente ligadas à cultura, ao tempo e ao espaço humanos, podendo manter-se ou não por uma constante (re)criação através das artes, dentre elas a literatura, em suas imagens e motivos metafóricos (CRUZ, 2013, p. 17).

Desse modo, Cruz (2013) em sua produção nos traz importantes compreensões acerca do termo “mitopoética” e como ele povoa nosso meio social e imaginativo. Portanto, compreender melhor a relação do mito com a poesia para formar a história e narrativa identitária do povo amazônida é algo de suma importância.

Portanto, “a relação com os mitos é intrínseca. A cultura amazônica, como muitas outras, tem raízes míticas. O nome “Amazônia” remete ao mito grego das amazonas, mulheres guerreiras, tal como as índias Icamiabas, batizadas “amazonas” pelo colonizador europeu” (CRUZ, 2013, p. 17).

Fares (2006) nos diz que:

O mítico é a força constitutiva de fundação da Amazônia e de países da América Latina. A narrativa das Amazonas, trazida pelo imaginário dos estrangeiros, indica, desde aquela época, a sobrevivência de espaços, onde a senha que autoriza o acesso à informação assenta-se no mito, enquanto narratividade, relatos sobrenaturais, ou o que os narradores amazônicos chamam de marmota, anedota, remorso ou encantado (FARES, 2006, p. 158-159).

Em Loureiro (2005) podemos visualizar esse marco da identidade amazônica,

A cultura amazônica é uma rara reminiscência de cultura mítica marcada pela dominante poética do imaginário [...]. Original cultura mítica sobrevivente neste terceiro milênio, onde ainda se constata uma incessante produção de narrativas fabulosas na oralidade que caracteriza a sociedade regional amazônica. São os deuses de uma teogonia<sup>8</sup> cotidiana e operativa. Para abrigá-los os caboclos ribeirinhos inventaram uma singular *paisagem ideal*, um *lugar ameno* situado no fundo dos rios ou nas brenhas das florestas. Trata-se das *encantarias*, lugar onde moram os seres encantados, os deuses e personagens do imaginário amazônico, decorrente do fertilíssimo devaneio do homem do lugar, diante do correr das águas doces dos seus rios. A convivência cotidiana com seus seres fabulosos de seu imaginário passa a condicionar um sentido contemplativo de beleza na convivência dessa relação dos homens entre si e deles com a natureza [...]. Percebo nos fatos dessa cultura todo um universo imaginal que aciona, além de uma estética, uma ética que reordena as relações sociais, a partir da maior ou menor relação de crenças com essa realidade. Uma realidade diante da qual a melhor forma de agir é fazer uma suspensão da descrença (grifo do autor) (LOUREIRO, 2005, p. 13).

Nesse processo, a mitopoética é um elemento fundamental para compreender a cultura amazônica, uma vez que decorre de um imaginário unificador e transfigurado. “Ora, se a cultura é o relicário dos signos e de suas configurações, especialmente nas artes, daí o seu

---

<sup>8</sup> Teogonia: “Do grego theogonía. Doutrina mística relativa ao nascimento dos deuses, e que frequentemente se relaciona com a formação do mundo. Conjunto de divindades cujo culto forma o sistema religioso dum povo politeísta” (FERREIRA, 1986, p. 1664).

papel essencial na criação artística, uma vez que a arte é sempre expressão simbólica de uma cultura” (LOUREIRO, 2005, p. 06).

Então, é importante frisar que o trabalho com pesquisas nesse viés da educação patrimonial é campo produtivo para a (re)construção e (re)significação do cidadão, que possa ser um indivíduo consciente de seus atos e práticas, de modo, a valorizar a sua cultura e respeitar à do outro, criando a pluralidade e diversidade na consciência da sociedade em linhas gerais.

## 2.2 DAS NARRATIVAS ORAIS À MEMÓRIA COLETIVA

A cultura amazônica é muito diversa em seus contextos narrativos e, o sistema educacional pouco utiliza as histórias do cotidiano como inspiradora à produção ou criação das atividades escolares. Entendo também que as falas dos adultos podem influenciar a criança, e nela despertar o interesse por determinados assuntos e, quando se trata de narrativas relacionadas às lendas e visagens locais - segundo Bachelard (1988) - o público infantil viaja pela imaginação.

Então, por que não utilizar a cultura local como veículo de aquisição da leitura e escrita socializada no ambiente escolar? De fato, pretendo com esta produção acadêmico-científica baseada em autores como Bachelard (1988), Loureiro (2001), e relatórios do IPHAN sobre Patrimônio (2010), refazer compreensões sobre as aproximações entre educação e cultura na possibilidade de articular imaginário com o resgate das histórias, tendo como campos teóricos e socioculturais, a mitopoética amazônica e a educação patrimonial.

Uma expressão em Loureiro (2001) chamou a atenção: “*accident estético*” (p. 100 - 101), em que “a natureza é um material propício ao devaneio e à criação artística, de modo que, eles mesmos são portadores de qualidades formais cuja aparência lhe confere esteticidade”. Representa a ligação à questão do imaginário na Amazônia. Apoiados às posições do autor, articulamos contexto de temperaturas, luzes, sombras, ruídos, cantos, cânticos, movimentos, rezas, movimentos das marés e rios, movimentos migratórios etc.

Desse modo, notei que se formam imagens e que para mim compõe o que Loureiro diz sobre a ligação dessa paisagem com o conceito de *sfumato* (p. 49 - 50) – técnica usada na renascença para fazer efeito de fundo nas pinturas – leva o homem na Amazônia a criar uma experiência estética narrativa – dêitica e composições idílicas, uma explicação fantástica - anímica e antropomórfica.

Para mim, essa imagem pode ser potencializada, caso o sujeito esteja experienciando o que chamamos de “marcadores míticos”, que pode ser um local como: (igarapé, rio, trilha, cemitério, casas abandonadas, igrejas, encruzilhadas), qualquer local reconhecido com situações de ocorrências ou lembranças de lugares misteriosos (ALVES; DIAS, 2017b).

A esses marcadores somamos um tempo cronológico: horas consideradas sagradas (06, 12, 18, 24hs). Momentos Temporais: amanhecendo o dia ou escurecendo. Datas sagradas ou particulares: dias de santo, Semana Santa, data de falecimento. Sons da natureza: o cantar de certos pássaros, o som do vento nas árvores, o som da madeira rachando, o silêncio etc. Fenômenos atmosféricos ou climáticos: lua cheia, quarto minguante, lua nova, quarto crescente. Chuvas, chuviscos de inverno, chuva com sol, ventos fortes etc (ALVES; DIAS, 2017b).

Essa relação espaço-tempo e seu mimetismo com a natureza é potência a esse imaginário amazônico, dos moradores ou descendentes de famílias oriundas de lugares que tinham em suas práticas cotidianas a narração de casos sobre encantarias, assombrações ou visagens.

Segundo Pinheiro (2018):

As narrativas surgem para explicar um acontecimento real, mas que agregam elementos imaginários geralmente com elementos da natureza que dão vida a um personagem, os caboclos narram suas experiências criando então os mitos e lendas que são narrativas que contribuem para a formação da mitopoética amazônica (PINHEIRO, 2018, p. 12).

E essas histórias e narrativas que compõem a mitopoética não surgem do nada, mas são construídas a partir de devaneios e do inconsciente profundo do ser amazônico que faz uso dessas histórias para marcar espaço e representar o código moral de um povo. Assim, esse repasse e contação do fato “verdadeiro ou não” ganha destaque e permeia a cultura oral e imaterial da sociedade amazônica.

A cultura está mergulhada num ambiente onde predomina a transmissão oralizada. Ela reflete de forma predominante a relação do homem com a natureza e se apresenta imersa numa atmosfera em que o imaginário privilegia o sentido estético dessa realidade cultural (LOUREIRO, 2001).

Desse modo, as narrativas além de incorporar o imaginário dentro do seu rol de significações, incluem ainda temas relevantes para os padrões de nosso meio social, como costumes, modos de comportamento, de obediência aos mais velhos, de respeito e guarda dos lugares sagrados para os deuses do panteão amazônico. É justamente essa dimensão do

poético entrelaçado ao mítico que se juntam para formar uma narrativa, que tem forte marca de sincretismo cultural amazônico.

Pinheiro (2018) destaca que esse “imaginário amazônico retrata a vivência tanto dos ribeirinhos”, como dos povos da floresta, das comunidades rurais, que estão encharcadas e “mergulhadas nos encantos que as narrativas orais os proporcionam como ouvintes e até mesmo participantes”.

Desse modo, fortalecer e valorizar o imaginário do lugar “não é preservar somente as paisagens, mas os seus recursos hídricos; sua floresta primária; os seres vivos existentes nesses espaços; preservando também uma história, uma memória individual e coletiva” que será aquecida pelos espaços geográficos preservados ao imaginário infantil que considero como “marcadores míticos” da nossa região (ALVES; DIAS, 2017b, p. 5).

Assim Pinheiro (2018) esclarece como esses seres encantados são parte integrante de nossa sociedade amazônica, representam a nossa identidade e é o patrimônio cultural que define as comunidades e o povo que aqui residem.

Loureiro (2001) se baseou nas contribuições de Napoleão Figueiredo para nos alumiar sobre o que é esses seres que rodeiam a cultura amazônica, e que representam a marca, o traço cultural de nossa raiz, que foi miscigenada e passou por transformações que deram a nossa sociedade amazônica esse panorama característico e particular,

Aos encantados do mundo amazônico foi reservado um lócus próprio: as encantarias, espécie de limbo onde as entidades dessa diversificada teogonia estariam reunidas, segundo Napoleão Figueiredo, os encantados cultuados pelas regiões populares “são entidades do mundo sobrenatural da religiosidade popular amazônica, que habitam a floresta e o fundo dos rios e que protegem, não somente dos homens, como também as comunidades em que os mesmos vivem; venerados sobre as formas mais diversas garantem a prosperidade, saúde, felicidade a quem a reverencia”. As encantarias, lugar onde moram os encantados - incluindo aí também aqueles que não são objetos de culto religioso - estariam localizadas acima das nuvens e a baixo do céu, como também nas florestas e no fundo dos rios. Embora sob uma nomenclatura indígena que perdura até hoje, nesse “panteão caboclo, muitas dessas entidades podem ser obscurecidas através de um termo genérico muito apropriado: são os encantados” (FIGUEIREDO apud LOUREIRO, 2001, p. 96).

Nesse sentido, esses “encantados” permeiam em grande parte a vivência dos povos das comunidades rurais e até mesmo dos que vivem nos centros urbanos, então “preservar as lendas locais é manter a cultura viva de um povo que sofre constantes transformações, diversos tipos de aculturação [...]” (PINHEIRO, 2018, p. 20). E essa entrada da tecnologia é um processo sem volta, que está de sobremaneira afetando e, modificando para sempre os

ritos e costumes desses povos, pois a cultura amazônica e os valores passados de geração em geração, acabam por ir se perdendo.

Portanto, trabalhar a memória ligada aos mecanismos de salvaguarda do patrimônio é aspecto de significativa importância e aprendizado para os amazônidas. Pois será esse aspecto que garantirá a guarda desse patrimônio imaterial particular.

Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, descola estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência, a memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e penetrante, oculta e invasora (BOSI, 2003, p. 36).

A memória é fundamental para a preservação e disseminação de um acontecimento e, possibilita as gerações futuras compreenderem o presente relacionando com o passado para entender costumes e crenças de uma determinada cultura, pois não existe patrimônio, seja ele, material ou imaterial que não seja cultural, pois todo patrimônio transmite uma mensagem (PINHEIRO, 2018, p. 21).

Por isso é tão importante que essa memória, os ritos culturais como eram de fato sem mudanças, o modo como às pessoas viviam, comiam, dançavam, se confraternizavam em nossa região amazônica é o fator, pelo qual, os pesquisadores, estudiosos, membros das comunidades devem marcar e registrar tal acontecimento, pois a globalização está afetando significativamente a perda de nossa raiz cultural.

Para que, esse senso de vínculo, ligação, aspecto identitário de um lugar seja mantido é fundamental que esse aspecto seja preservado no tempo, pois “as narrativas vêm despertar o que há de mais bonito no ser humano seu sentimento de amor, pertencimento e orgulho de sua cultura” (PINHEIRO, 2018, p. 23). Assim, garantir mecanismos e meios para proteger esses indícios que ainda há mesmo com todas as transformações que nossa sociedade está passando, é algo de extrema urgência.

As contribuições de Loureiro são novamente foco, base para entender como uma comunidade mesmo pequena num país de dimensões continentais é lócus e recanto intocado dos indícios culturais da miscigenação que aqui se instaurou.

A cultura de um povo é fonte inesgotável de inspiração, de símbolos, de experiências, de trabalho acumulado, de beleza, de utopias e a preservação da memória coletiva por um grupo, ainda que seja pequeno é uma verdadeira tabua de salvação para toda a comunidade (LOUREIRO, 2001, p. 77).

Para fechar esse item, Halbwachs (1990) se preocupou em estudar a memória coletiva e tirar dela outros termos, como: a consciência, a recordação dos fatos passados, de

levantar que na forma de tradição, de culto ao passado, muitas situações e valores foram construídos. Nos faz lembrar, que é através do coletivo que formamos uma razão comum dos percalços da existência social. De fato, o autor vem juntamente sintetizar o que Loureiro falou na citação acima, de que a memória coletiva é parte central e fundamental em salvar o que ainda resta dos indícios socioculturais dessa região.

### **2.3 EDUCAÇÃO PATRIMONIAL**

A educação patrimonial “é um instrumento de “alfabetização cultural” que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido” (grifo do autor) (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, [200-], p. 4).

Nesse sentido, quando há esse “contato direto com os indícios e manifestações da cultura, podendo ela se manifestar em seus múltiplos aspectos, sentidos e significados”, o trabalho educacional centrado na Educação Patrimonial centra seu foco em levar as crianças e adultos a “um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural” (grifo do autor) (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, [200-], p. 4).

Todo esse processo só será eficaz por meio do diálogo permanente, pois está implícito que dentro do contexto educacional isso facilita, ajuda a comunicação e interação entre os agentes e comunidades responsáveis pela preservação e estudo dos bens culturais, permitindo a troca de conhecimentos e a formação de parcerias para a proteção e valorização desses bens (grifo do autor) (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, [200-], p. 4).

Assim esse viés da educação patrimonial é parte integrante da formação do cidadão na sociedade e, dimensionar essa relação com as práticas pedagógicas é fundamental no sentido de formar educandos capacitados e voltados para os bons costumes e autoconsciência, germinando assim, termos como preservação sustentável, identidade e cidadania.

De acordo com a Constituição Federal (1988) registrei o seguinte, em relação à questão do patrimônio e as responsabilidades de cada cidadão, na (re)construção de uma eco-sociedade.

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de

referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

§ 1º O Poder Público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação (BRASIL, 1988, p. 63).

Diante dessa cobrança um tanto imposta, os agentes responsáveis pela sociedade já vinham trabalhando dentro das escolas, por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação (DCN's), da própria Lei de Diretrizes e Bases (LDB) 9.394/96, assim como, foi necessária à criação de outras leis, resoluções e decretos que impusessem as instituições escolares, a consequente produção e trabalho com ações e práticas voltadas ao aluno e que este possa ter em mente a verdadeira marca da mudança de ver, pensar e construir o meio ambiente a sua volta.

A educação na qual tenho problematizado deveria também abranger essas novas perspectivas não somente do que é cobrado no currículo, mas de dosar juntamente com esses conhecimentos outros dependendo da realidade, em que o professor esteja inserido, seja na comunidade ribeirinha, no quilombo, na agrovila, reservas extrativistas, enfim, cada lugar deveria ser trabalhado a realidade e aspectos culturais desses lugares na formação desse alunado.

De fato, ao ler um trecho da proposta das DCN's da educação que garante o seguinte em relação ao aspecto da educação envolver não somente temas e abordagens do que é imposto pelas Secretarias de Educação, mas de buscar (re)construir dentro de suas metodologias outras experiências inovadoras e até buscando parcerias e o envolvimento dos agentes da comunidade. Assim a diretriz nos relata o seguinte em relação a esse pressuposto, sendo que é dentro dela que se encaixa a educação patrimonial, tanto enfatizada nesta produção pelo pesquisador.

A Educação Ambiental envolve o entendimento de uma educação cidadã, responsável, crítica, participativa, em que cada sujeito aprende com conhecimentos científicos e com o reconhecimento dos saberes tradicionais, possibilitando a tomada de decisões transformadoras, a partir do meio ambiente natural ou construído no qual as pessoas se integram. A Educação Ambiental avança na construção de uma cidadania responsável voltada para culturas de sustentabilidade socioambiental.

(...)

O atributo “ambiental” na tradição da Educação Ambiental brasileira e latino-americana não é empregado para especificar um tipo de educação, mas constitui-se em elemento estruturante que demarca um campo político de valores e práticas, mobilizando atores sociais comprometidos com a prática político-pedagógica transformadora e emancipatória capaz de promover a ética e a cidadania ambiental (BRASIL, 2013, p. 535).

As colocações apresentadas pelo documento acima, são verdadeiros guias para a comunidade escolar, principalmente para os agentes da educação que precisam e devem ter conhecimento disso e definições bem esclarecidas sobre que caminho seguir, para que seu trabalho pedagógico e o próprio planejamento de suas aulas tenham um objetivo e direcionamento voltado exclusivamente a atingir as mentes dos educandos essa conscientização e bom-senso sobre o cuidado e zelo com nosso meio ambiente, patrimônio mais valioso e importante para nossa existência.

Sendo assim, outro documento que referenda essa diretriz é a Lei nº 9.795/1999, regulamentada pelo Decreto nº 4.281, de 25 de junho de 2002, que dispõe especificamente sobre a Educação Ambiental (EA) e institui a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA):

Essa Lei, além de outras providências, define a EA, dá atribuições, enuncia princípios básicos e indica objetivos fundamentais da educação ambiental, conceituando-a na educação escolar como incluída nos currículos de todas as etapas da Educação Básica e na Educação Superior, inclusive em suas modalidades, abrangendo todas as instituições de ensino públicas e privadas. Além disso, valoriza “a abordagem articulada das questões ambientais locais, regionais e nacionais”, e o meio ambiente como emergência das relações dos aspectos sociais, ecológicos, culturais, econômicos, dentre outros. Ademais, incentiva “a busca de alternativas curriculares e metodológicas de capacitação na área ambiental, incluindo a produção de material educativo” (BRASIL, 2013, p. 537).

De acordo com essa mesma legislação alguns percalços exigem um destaque e evidência no trabalho com os agentes da educação sobre tais fatores, pois num futuro eles serão muito úteis no sentido de salvaguardar o que é a cultura de cada região desse nosso imenso país, chamado Brasil. Para tanto, fica nítido que a capacitação aliada ao sair do comodismo é aspecto central na busca por essa nova maneira de educar, que não só envolve o educando com o conhecimento, mas apresentam nos assuntos de sua aula, realidades e experiências de resgate de sua cultura local.

De acordo, com as DCN’s (2013) a educação precisa ter um direcionamento e capacitação, além de total força de vontade e espírito renovado para trabalhar essa nova experiência, a qual muitos não dão importância a exemplo da cultura popular.

Nessa perspectiva, as modificações resultantes da interação entre os seres humanos e a natureza nem sempre são nefastas; podem ser sustentáveis, promovendo, muitas vezes, aumento da biodiversidade pelo tipo de ação humana ali exercida. Pode-se pensar essa relação como sociobiodiversidade, uma interação que enriquece o meio ambiente.

[...] a Educação Ambiental deve avançar na construção de uma cidadania responsável voltada para culturas de sustentabilidade socioambiental, envolvendo o entendimento de uma educação cidadã, responsável, crítica, participativa, em que cada sujeito aprende com conhecimentos científicos e com o reconhecimento dos saberes tradicionais, possibilitando, assim, a tomada de decisões transformadoras a partir do meio ambiente natural ou construído no qual as pessoas se integram (BRASIL, 2013, p. 542).

Nesse sentido a LDB 9.394/96 em seu capítulo I, art. 1º destaca o seguinte: “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e, nas manifestações culturais (p. 01)”.

Os PCN’s são um conjunto de documentos que trazem em sua essência uma série de regras e modelos de currículos imbricados em formar um determinado tipo de cidadão. Então os agentes da mudança que são os professores devem receber isso e, adequar os seus planos e caminhos de acordo com cada especificidade de seus alunos, pois a realidade é o que pega na condução de um desempenho escolar muito ou pouco satisfatório.

O que o aluno pode aprender em determinado momento da escolaridade depende das possibilidades delineadas pelas formas de pensamento de que dispõe naquela fase de desenvolvimento, dos conhecimentos que já construiu anteriormente e do ensino que recebe. Isto é, a intervenção pedagógica deve-se ajustar ao que os alunos conseguem realizar em cada momento de sua aprendizagem. O conhecimento é resultado de um complexo e intrincado processo de modificação, reorganização e construção, utilizado pelos alunos para assimilar e interpretar os conteúdos escolares.

Por mais que o professor, os companheiros de classe e os materiais didáticos possam, e devam contribuir para que a aprendizagem se realize, nada pode substituir a atuação do próprio aluno na tarefa de construir significados sobre os conteúdos da aprendizagem. É ele quem modifica, enriquece e, portanto, constrói novos e mais potentes instrumentos de ação e interpretação (BRASIL, 1997, p. 37).

Quanto à educação patrimonial imaterial, o trabalho desenvolvido pelo IPHAN (2010) é campo fecundo para nos dizer que:

A preservação tem como norte de trabalho a não conservação dos suportes e adereços dos ritos culturais, mas a constante busca de instrumentos e mecanismos de salvaguarda que viabilizem condições para produzir e reproduzir tais características e valores desses povos, passando-os para as gerações futuras (BRASIL, 2010, p. 18).

É importante salientar que a construção da identidade profissional, as atribuições que são exigidas e esperadas do pedagogo, além da formação crítica e politizada, são atributos cobrados e a formação não deve ser aligeirada, projetando e desenvolvendo apenas um indivíduo que irá reproduzir situações, mas que possa contribuir de modo ativo, crítico em relação ao plano de ação no espaço do trabalho, no qual ocorre o processo educativo.

### 3. SEÇÃO - COLETA, APLICAÇÃO E DISCUSSÃO

#### 3.1 ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA

Segundo Brandão (2007) “tudo o que se sabe aos poucos se adquire por viver muitas e diferentes situações de trocas entre pessoas, com o corpo, com a consciência, com o corpo-e-a-consciência”.

Freire (2006) destaca que é necessário que “a educação esteja em seu conteúdo, em seus programas e em seus métodos, adaptada ao fim que se persegue: permitir ao homem chegar a ser sujeito”, construindo assim, um ser social que é capaz de transformar a sua realidade e o seu mundo.

Sobre esse imaginário, a produção em si é uma representação do fato mitopoético, no qual, este materializa nossas raízes e apresenta o rastro cultural do qual somos parte integrante, a citação a seguir evidencia muito bem essa raiz sociocultural amazônica,

O imaginário amazônico, como qualquer outro imaginário, vive de memórias, pois, sem o armazenamento das memórias, seremos, penso eu, reduzidos apenas a autômatos, robôs dirigindo-se ao *shopping center* no afã de consumir, consumir e consumir. E onde ficarão nossas matintas-pereiras? Onde nossos botos onde nossas cobras grandes? O contra-canto popular é pródigo em reter memórias: as lendas são baús de memória. Quem não tem memória, infelizmente, terá um futuro de amnésias. [...] o povo sem memória está morto e sepultado, sem direito a registros nas lápides da História (NUNES, 2005, p. 12).

Desse modo, a parte central e importante de nossa cultura são “os mitos estão impregnados no inconsciente coletivo, na memória coletiva da humanidade, em feixes irradiantes potencializadores de desejos, de energias e de crenças profundas que povoam os imaginários dos indivíduos” (HALBWACHS apud CRUZ, 2013, p. 20).

Todos esses caminhos são o percurso primordial para a quebra de paradigmas e, ganham destaque os valores e marcas da cultura que a priori durante muito tempo não teve vez, era considerada inferior, assim essa descontinuidade da “cultura dominante” passa e

começa a ganhar destaque um outro modelo de “cultura popular” que são ritos mais próximos dos entes que representam o percentual maior da sociedade.

Para Bhabha (1998):

(...) Esses entre-lugares fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade (BHABHA, 1998, p. 20).

### 3.2 COMUNIDADE E ESCOLA

Segundo informações coletadas e compartilhadas com o pesquisador, a escola Manoel Alfaia em seus arquivos documentais possui documentos que contam a história desse lugar. De modo que, posso visualizar alguns indícios do surgimento e desenvolvimento desse lugar, como no texto abaixo.

A agrovila São Raimundo originou-se com a chegada de algumas famílias cearenses, vindas para trabalhar nas terras, após o início do povoamento de Castanhal. Entre as famílias, o casal Rodolfo Carneiro e Maria Carneiro destacaram-se por trazerem na bagagem a imagem de São Raimundo Nonato, ao qual construíram uma capela por serem seus devotos e, posteriormente, deram nome da comunidade de ramal São Raimundo, que antes era conhecida como Cabeceira do Rio Apeú (ARAÚJO, 2010, p. 20).

Muito tempo depois a comunidade passou a ter um registro histórico de seu lugar e ser reconhecida no então Município de Castanhal, como vemos na citação seguinte:

A agrovila conta com uma associação de moradores que foi fundada no dia 31 de janeiro de 1994, com a finalidade de trazer melhorias e de fazer o intercâmbio com outras associações do território nacional.

(...)

Aos 09 dias do mês de dezembro do ano de 1994, o ramal São Raimundo foi elevado à categoria de agrovila São Raimundo, localizada no município de Castanhal, estado do Pará, no Km 05 da Rodovia Transcastanhal (ARAÚJO, 2010, p. 20; 29).

As análises foram realizadas na E.M.E.I.F. Manoel Deodoro Alfaia de Araújo, localizada na agrovila de São Raimundo, zona rural da cidade de Castanhal-PA, distante cerca de 06 km do perímetro urbano. A escola foi fundada em maio de 1992 (segundo a equipe técnica não conseguiram achar uma data exata). E atualmente estudam aproximadamente 58 alunos. A faixa etária dos alunos analisados foi de 06 a 10 anos de idade. Ela funciona como escola nucleada da E.M.E.I.F. Leandra Paulino Corrêa, situada em outra comunidade rural distante a 15 km da escola (ARAÚJO, 2017-2018).

Segundo dados fornecidos pela referida escola, ela está assim dividida e constituída:

Os profissionais são compartilhados entre as 02 escolas, nela funcionam turmas multisseriadas da educação infantil ao 5º ano do ensino fundamental. Possui 02 salas de aula, com 1º/2º e 3º/4º ano multi pela manhã; já a educação infantil de 04 e 05 anos e o 4º/5º ano multi pela parte da tarde, atende cerca de 58 alunos total. Conta ainda com: 01 diretora; 01 coordenadora pedagógica; 02 secretárias; 02 professoras; 02 serventes; 02 faxineiras; 01 zelador; 01 auxiliar administrativa; 01 vigia. Ainda há também, 01 sala onde funciona a direção, coordenação e secretaria; 01 copa; 01 depósito para merenda escolar; 01 depósito para material de limpeza; 02 banheiros para ambos os sexos, sendo um especial; além de uma área extensa de terreno em volta à escola, tudo murado (ARAÚJO, 2017-2018, p. 26).

Sobre as lendas, assombrações e visagens da comunidade, consegui alguns dados bem interessantes em registros já catalogados pela equipe técnica da escola Manoel Alfaia, na citação abaixo:

**Lenda da Mulher da Tocha:** Dizem alguns moradores que em frente ao terreno da dona Maria Capanema na rodovia Transcapanema aparece uma mulher com uma tocha de fogo na cabeça, ela sai andando atrás de suas vítimas. Pega não pega até o igarapé do Janjão, no certo ponto ela desaparece.

**Lenda do Peso (uma pessoa):** Segundo os contadores de histórias, próximo ao igarapé chamado Periquitos, quando chega à noite aparece algo muito estranho, algumas pessoas contam que ao passar de bicicleta sobe algo na garupa da bicicleta deixando-a muito pesada e a vítima toda arrepiada dos pés a cabeça, e ao chegar em frente da entrada da fazenda do senhor Paulistinha o peso desaparece deixando a bicicleta maneira e a pessoa mais tranquila (ARAÚJO, 2010, p. 9).

### 3.3 PROJETO “ENCANTADO...”

Nesse sentido, sobre as histórias que o povo da comunidade conta, e que foi catalogado tanto pela equipe da escola quanto pelo pesquisador, isso pode ser usado como fator de salvaguarda das raízes dessa comunidade, sendo passada para as outras gerações, isso me fez lembrar de uma experiência que tivemos lá em 2017, quando eu era pesquisador do projeto “Encantados...”, como segue abaixo:

A professora Rosiane relatou-nos episódios de assombrações como: “O Peso do Janjão” – é uma assombração que senta na garupa das bicicletas e motos; “O menino com pregos na cabeça” – um menino que anda de bicicleta convidando outras crianças para brincar; “O fogo que corre no céu” – um fogo verde que aparece no céu (ALVES; DIAS, 2017a, p. 06-07).

Outro relato importante que foi catalogado junto com a equipe do projeto “Encantados...” foi a história da dona Gata (como é conhecida) na comunidade. Como descrito a seguir,

Dona Gata nos conta histórias da matinta pereira do ar e da terra, que as matinta do ar são boas e que deveríamos nos preocupar é com as matintas da terra. Onde morava quando criança tinha visto uma matinta pereira da terra, que já tinha visto em seu terreno muitos vultos de pessoas mortas, que não se importa deles vagarem pelos seus terrenos, que não tem medo (ALVES; DIAS, 2017a, p. 07).

Uma reflexão sua sobre as Iaras como donas dos igarapés nos chamou bastante atenção e diz assim: - “Quando a mãe d’água percebe que estão usando mal a sua casa, que não estão respeitando seu igarapé ela se muda, o igarapé seca e aparece em outro lugar”. Ela já tinha presenciado isso onde morava (ALVES; DIAS, 2017a, p. 07).

Outra informante que nós catalogamos durante as incursões feitas no ano de 2016, a essa agrovila foi à professora aposentada L. Pantoja, que nos contou em entrevista alguns aspectos da história de ocupação do que hoje chamam de agrovila São Raimundo. De modo que, podemos usar como fato da identidade da comunidade.

A professora conta que na comunidade há duas nascentes, a do “Pernambuco” e a do “Salvador”, a maioria dos igarapés da região são próprios para banho e as famílias utilizam água das cacimbas para beber por se tratar de água mineral. A agrovila é muito rica em histórias de encantarias e mistérios e nela ainda se encontram benzedeiras, uma delas, a mais conhecida chama-se dona Beth (ALVES; DIAS, 2017a, p. 08).

Um dos igarapés mais conhecidos da localidade é o igarapé da “pinguéla”, hoje assoreado e poluído, seu mal-uso acabou por transforma-lo em uma vala. Ele é denominado “pinguéla” devido à queda de uma árvore sobre ele, que o atravessava de ponta a ponta passando a água por baixo (ALVES; DIAS, 2017a, p. 08).

Há também o “lago azul” e muitos outros que seguem até o Apeú. A fauna e a flora são preservadas em pequenos bosques e as crianças não agredem a natureza (ALVES; DIAS, 2017a, p. 08).

Todos esses relatos evidenciam o quão rico é esse lugar, que na realidade representa um paraíso de natureza e ajuda a reduzir a poluição provocada na cidade e, também é uma área de paz, tranquilidade, de grande apresentação cultural e manifestação da cultura popular paraense amazônica. Que em parte ficou marginalizada e situada nas áreas das periferias e comunidades rurais. Mas que tem forte presença e marco cultural para quem passa e vive ali.

Outros argumentos que também foram registrados nessa comunidade e, que podem ser usados como verdadeiro marco e registro dessa cultura popular que lá está presente são esses indícios de “seres encantados” e acontecimentos sobrenaturais que solidificam e dão intensidade e nos tornam parte de algo, que é característico da cultura amazônica.

Há relatos de uma casa perto da escola na Transcastanhal, onde existe um alçapão e lá vivem um japonês e uma garotinha, cujas riquezas estão enterradas, porém, só será dada a quem tiver realmente coragem para abrir o alçapão, caso contrário, viverá assombrado para o resto da vida.

Outro caso se deu com um jovem chamado “Neno”, que ao passar por uma cacimba e nela tomar banho, começou a ter febre constantemente e só ficou bom depois de ser cuidado pela benzedeira dona Beth.

Tem um menininho que anda de bicicleta e tem cabelo de prego, chamando as crianças para brincar, e depois some.

Tem uma porteira que recebeu a denominação de “porteira do peso”, porque, ao passar por ela de moto ou bicicleta, sente-se um peso na garupa como se estivesse levando alguém de carona até certa parte.

Há um trecho na estrada onde aconteceu um acidente no dia 8 de dezembro de 2015, há alguns anos e nele faleceu uma moça muito bonita, porém só o rosto dela foi atingido ficando irreconhecível, depois disso, vários acidentes já aconteceram no local; o motor de carros e motos falham ao passar por lá e as pessoas não gostam de passar por lá na hora de meio-dia ou meia-noite.

Na cacimba tem a cobra grande. Há também um senhor que anda com um paneiro na cabeça conversando normal, mas ninguém o conhece por lá (ALVES; DIAS, 2017a, p. 09).

Uma outra história que desperta a curiosidade dos moradores é a de um homem negro que passa pelas ruas, tarde da noite murmurando e fazendo um barulho como se estivesse arrastando correntes. Há quem diga que deve se tratar de algum escravo que morreu acorrentado (ALVES; DIAS, 2017a, p. 10).

Diante de todos esses relatos, observo que eles imprimem a verdadeira raiz sociocultural desse povo, representa a sua particularidade, tornam parte integrante de uma manifestação cultural, apresentando aspectos e características que são próprias e particulares desse grupo social. Tais fatos acontecem e são exemplos de que essa cultura ainda pulsa, mas devido à globalização e avanço do progresso, tais raízes entram em colapso e ameaça, devido à intensa e constante devastação e derrubada de seus valores e sincretismos.

A professora Janusa, filha da dona Beth, nos conta outra versão da história do “Peso do Janjão”, um trecho da estrada em que as pessoas que passam de bicicleta ou de moto sentem uma espécie de peso, como se “alguém” subisse na garupa e depois uma leveza como se “aquele” que estava na garupa tivesse descido novamente (ALVES; DIAS, 2017a, p. 10).

Durante esses relatos, é importante destacar até como forma de registro e salvaguarda do patrimônio imaterial da comunidade esses relatos e histórias, como o que se registra na fala da dona Maria Gomes Silva e Sousa, uma senhora de 74 anos que mora na agrovila desde criança, logo após o seu nascimento. Entre seus relatos, dona Maria confirma as histórias contadas pela professora Janusa e afirma que a aparição da “Bola de Fogo” é real, já foi vista por inúmeros moradores, segundo ela, muita gente corria com medo e outras não, porque, “se tratando de luz não deve ser coisa ruim” (ALVES; DIAS, 2017a), dona Maria afirma que viu:

Quando eu era ainda menina, a Rodovia Transcastanhal era só uma capoeira, não tinha estrada, nós vinha do retiro (casa onde se faz farinha), eu e meu pai e mais um rapaz, de longe nós avistamos aquela luzinha bem verdinha e eu com medo, fiquei entre um e outro, quando chegou no meio do capoeirão ela subiu e quando baixou foi bem pertinho de nós e sumiu, isso eu digo porque eu vi; e sempre ela aparece por aqui, o pessoal tem visto ela de vez em quando, outro dia, a dona Tereza lá da fazenda correu tanto que quase perdeu as pernas com medo dessa tocha. Não faz muito tempo que o “Anivaldo”, quando chegou do janjão para cá ele sentiu o peso na garupa da bicicleta, também ele não desceu e nem mexeu e não falou nada, quando ele chegou bem pertinho da casa dele o peso saiu e ele seguiu a viagem dele (ALVES; DIAS, 2017a, p. 11).

### 3.4 INFORMAÇÕES DE MORADORES

Outro morador da agrovila que nos ajudou muito, durante esse período da pesquisa foi o Erisson Pereira de 29 anos, que conversou conosco, a priori conversei com a mãe dele primeiro, a dona Maria Elza, ela é funcionária da escola Manoel Alfaia e foi ela que nos contou o que havia acontecido com seu filho, na sua adolescência, que foi uma história que marcou e traumatizou também a vida de seu filho. De modo que, a sua rotina foi quebrada durante alguns dias. Segue um recorte do relato contado por Erisson Pereira:

Sou natural de Castanhal, tenho Ensino Superior Incompleto. E morro aqui a 29 anos desde quando eu nasci. Eu gosto de morar aqui, morei dois anos fora, mas não me adaptei. Eu gosto daqui da tranquilidade. Eu trabalho, tenho uma frutaria aqui no Fonte Boa (bairro de Castanhal), não é aqui na comunidade, mas é aqui próximo. Por enquanto não cultivo nenhum tipo de produto ainda, mas já estou com um planejamento aqui mesmo pra poder cultivar pouca coisa (Entrevista com morador e comerciante, Erisson Pereira, 29 anos, realizada em 02.05.2019).

Outro relato muito interessante para a análise e compreensão dos objetivos desse trabalho é o fato que aconteceu e marcou a vida do Erisson para sempre, registro do fato contado por ele:

[...] quando eu tinha uns 17 a 18 anos eu estudava na escola Clotilde Pereira no ensino médio, há uns 19 anos atrás quando eu vinha da escola pra cá a noite umas 22 h/22:30 h da noite nesse horário não lembro o dia nem a data, mas eu lembro o acontecimento já tinham contado, [...] sobre uma luz, tipo uma estrela, mas não é uma estrela, parece com uma estrela, mas é uma luz bem grande e ela fica por cima da mata, hoje aqui não tem tanta mata como antes, já foi desmatada por uma fazenda aqui atrás de casa, mas geralmente quando não tem nenhuma estrela no céu ela ficava por cima da mata, e a gente escuta as histórias, mas a gente fala é verdade ou não é verdade, a gente pensa que é brincadeira, mas aconteceu comigo, então quando eu vinha da escola de bicicleta na época, um certo dia eu vi essa luz por cima da mata, então quando eu avistei aí já veio na minha cabeça a famosa luz né que o pessoal ver aí, aí eu vim com medo, porque dizem que ela corria atrás das

peessoas, só que no momento ela vinha por cima da mata, uma altura assim não tão alta, um pouco distante mas bem grande, então quando eu cheguei bem próximo aqui a essa escola me deu vontade de parar pra olhar e aí veio a vontade de parar pra ver assim como realmente é, nesse momento que eu parei pra ver, ela começou a vir na minha direção cada vez crescendo mais, então cara eu peguei a bicicleta e andei rápido aí quando cheguei, quanto mais pedalava mais ela não queria andar, o medo né, aí quando eu cheguei na frente de casa no portão ela passou por cima das árvores “fuuuu” balançando os galhos, essa foi a primeira e única vez que eu vi essa luz, de lá pra cá nunca mais vir até hoje. E antes né com uns 15/17 anos atrás a gente ouvia muito falar dessa luz que corria atrás das pessoas, mas só que, de uns tempos pra cá não apareceu mais, acalmou mais (Entrevista com morador e comerciante, Erisson Pereira, 29 anos, realizada em 02.05.2019).

Quando eu parei pra ver lá perto da escola porque eu estava perto de casa aí me confiei, só que é uma velocidade tão grande entendeu ela tava distante e aí a distância da escola pra cá é uns 500 metros, então nesse momento que eu parei foi rápido em questão de 30 segundos ela começou a vir na minha direção assim, é uma velocidade surreal ... fiquei com medo. Peço a Deus pra não ver mais, mas isso aí não é uma história pra amedrontar ninguém não, é uma história de verdade mesmo entendeu. Eu passei acho que uns dias sem ir a aula entendeu com medo, passei umas duas semanas sem ir à escola, quando eu voltei porque eu tinha que ir de qualquer jeito. Passei um tempo com medo, mas nunca mais eu vi, aí fui me acostumando de novo, fui esquecendo, aí agora eu ando de moto, aí tu não andas muito observando as coisas, mas é de dar medo ó, graças a Deus não vi outra coisa e nem quero ver, isso aí não é de Deus não, agora é aquele negócio a pessoa só acredita se ver, mas quando ela ver ela não espera chegar pra saber o que é isso (Entrevista com morador e comerciante, Erisson Pereira, 29 anos, realizada em 02.05.2019).

Diante de todos esses relatos citados acima, não tem como dizer que essa comunidade não tem evidências concretas dos aspectos da cultura popular amazônica e indícios do patrimônio imaterial latentes. Um fato que marcou a coleta dos dados foi a forma como os moradores, crianças e professores contam e narram essas histórias.

Desse modo, Gomes (2013) nos traz de seu trabalho evidências ricas para a produção desta pesquisa, sendo que, a vivência do campo, a interação com as pessoas, a abordagem do tema mitopoética junto aos indivíduos tanto da escola quanto da comunidade, imprimiu no pesquisador verdadeiras marcas de aprendizado e auto identificação com sua cultura, assim:

(...) as narrativas descritas pelos moradores são narradas com tanta naturalidade que é impossível não se envolver junto com ele, em um imaginário que é capaz de te levar para o instante narrado, como se aquele momento estivesse acontecendo diante de seus olhos (GOMES, 2013, p. 32).

É importante nesta seção destacar que num primeiro momento, o pesquisador esquematizou coletar dados em 03 (três) momentos: sendo um primeiro com as professoras,

depois com os alunos e, por fim uma conversa com alguns moradores da área; fazendo uso da entrevista semiestruturada com todos.

Mas, durante conversas informais com a coordenadora pedagógica da escola Manoel Alfaia, e alguns funcionários, como: a merendeira, a faxineira e a auxiliar administrativa, refleti e busquei reorganizar as técnicas que a priori estava estruturado para trabalhar e, próximo do fim das atividades executei atividades lúdicas com os alunos para descortinar informações que se encontravam escondidas, ou que não tinha conseguido notar enquanto estava atuando em campo.

### **3.5 ENTREVISTAS COM PROFESSORES**

Antes de o leitor tirar suas conclusões é evidente uma explicação, as entrevistas com as professoras foram conduzidas de modo que o pesquisador interferisse o mínimo possível, pois o momento que o entrevistador entreviui foi para ajudar e contribuir com o propósito do diálogo das entrevistadas, sendo que, fora preparado um roteiro para ajudar na coleta das informações que buscava compreender e de modo algum queria uma resposta pronta para minha pesquisa, mas revelar o que lá é feito e trabalhado. Que possa ficar amarrado que não busquei uma resposta incessante as hipóteses.

Além dessas técnicas de coleta, fiz uso de entrevista com as 02 (duas) professoras da escola e algumas conversas informais com alunos, de modo que, foram escolhidos pelo pesquisador junto da professora regente os alunos maiores, pois estes poderiam inquirir melhor aos propósitos da pesquisa. Sendo que, a observação participante e atenta ao ambiente pesquisado, também foi um grande contributo e auxílio na percepção e compreensão do que estava buscando apreender e analisar.

As professoras da escola foram muito prestativas e ajudaram muito no levantamento dessas informações preliminares. Foi um momento de troca de aprendizado, necessitando construir e criar laços de afetividade e aproximação com os participantes da pesquisa.

Nesse sentido, a técnica entrevista aconteceu na hora da aula, no momento que as professoras estão na escola, pois quando terminam as aulas elas logo vão embora. Sendo necessário um tempo de sua aula para realizar essa conversa com discurso livre, no qual, o pesquisador pouco interfere no discurso, interagindo somente para estimar e fazer o pesquisando contribuir e se abrir mais. Todas essas entrevistadas aconteceram na própria

escola, nas datas: 03 e 07/05/2019 com o uso de um roteiro semiestruturado (*ver anexos*), os nomes são reais. Segue abaixo o perfil das professoras:

Sou de Castanhal, tenho 47 anos, sexo feminino. Tenho Magistério Ensino Superior, Graduação Pedagogia. Leciono do 1º ao 5º ano, trabalho com o 3º/4º e 4º/5º aqui na escola. Não moro em São Raimundo, gosto de mais, comunidade ótima de se trabalhar. A 24 anos trabalho na comunidade. Fui chamada diretamente zona rural, comecei a trabalhar e vi que era bom, nunca fiz questão de pedir transferência não. Aqui todo mundo conhece todo mundo. Trabalho somente com a docência (Entrevista com professora, M. Nelma, 47 anos, realizada em 03.05.2019).

Tenho 41 anos, sexo feminino. Natural de Atalaia Alagoas. Ensino Superior completo, tenho duas formações: sou pedagoga e assistente social. Sou professora habilitada para ministrar as aulas nos ensinos: educação infantil e fund. menor, hoje eu trabalho com turmas multisseriadas de educ. infantil 4 e 5 anos e pela manhã eu trabalho com 1º e 2º ano. Eu trabalho aqui no São Raimundo há 9 anos, desde que, eu passei no concurso. Eu gosto sim de trabalhar aqui na agrovila. A única desvantagem de trabalhar aqui é a estrada, mas o resto eu gosto muito, desde que, eu cheguei aqui, eu fui bem recebida e gosto de mais de trabalhar aqui. Eu não sou daqui da agrovila, moro em Castanhal. Não tenho outra profissão. Aqui a gente já conhece todo mundo (Entrevista com professora, V. Martins, 41 anos, realizada em 07.05.2019).

Segundo a professora V. Martins, o motivo que a levou a lecionar em São Raimundo, foi o seguinte:

Quando eu fui chamada pra lotação, a moça lá me perguntou se eu tinha opção por agrovila, eu disse que não sabia, não conhecia, que eu queria a agrovila mais perto da minha casa. Essa foi a condição que eu dei para ela, e inicialmente eu fui lotada na agrovila Macapazinho, só que ao sair foi constatado um erro, aí eu voltei pra ajeitar minha lotação, ela verificou qual era a disponibilidade que eu só podia trabalhar a tarde, e aí deu a opção São Raimundo (Entrevista com professora, V. Martins, 41 anos, realizada em 07.05.2019).

As entrevistas aconteceram na sala onde as professoras lecionam, no ambiente da escola mesmo, e a questão que inquiri a elas foi a seguinte: “*Você conhece bem a cultura de São Raimundo? ( ) Sim ( ) Não. O que você conhece dessa cultura?* ”:

A cultura de São Raimundo conheço bem, assim o povo tem as atividades deles, no mês de agosto eles trabalham a festividade do santo São Raimundo Nonato na agrovila, no mês de junho eles trabalham com negócio de quadrilha e time de futebol. Então a cultura deles e mais voltada a isso. Lazer deles que são os igarapés, (...) então essa e a questão daqui da cultura deles. Povo pacato, povo que gosta de diversão, gosta de animação. Eles fazem várias atividades usando o bingo... festas do dia das mães... dia dos pais... tudo isso eles trabalham aí dentro da comunidade São Raimundo. (Entrevista com professora, M. Nelma, 47 anos, realizada em 03.05.2019).

É assim a cultura do São Raimundo, o que eles fazem aí dentro muito é campeonato de bola, eles são loucos por futebol aqui na comunidade, tinha a vaquejada antes, era uma cultura grande, que tinha vaquejada inclusive aqui na frente da escola tinha um parque de vaquejada, depois foi lá pro Roberto Sena lá dentro, não sei como tá hoje, mas parece que hoje está mais fraco. Mas antes era bem forte mesmo. Tinha vaquejada aí dentro, vinha muita gente, eu tive alunos fascinados totalmente por cavalos, tem criação de cavalo aí dentro, e ainda tem crianças bem apaixonadas mesmo pelos cavalos, eles falam muito em cavalos, “tia eu tenho cavalos, nasceu um potrinho na minha casa”, eles já têm essa relação do cavalo no seu diário. Outra coisa que eles curtem e a questão dos balneários, porque tem muitos igarapés então é muito procurado a agrovila no final de semana por conta dos balneários, então de vez em quando tem balneário famoso e também tem festa no mês de agosto a festividade de São Raimundo Nonato, que é a festa da comunidade católica na agrovila, tem arraial e tudo, é bem interessante (Entrevista com professora, V. Martins, 41 anos, realizada em 07.05.2019).

Diante dos argumentos apresentados e destacados pelas docentes, percebo que elas conhecem bem a cultura do lugar onde lecionam e, tem feito relações do que ensinam com o que os alunos trazem de fora da escola, pois o conhecimento que este educando possui é rico, valoroso para ele e também para a manutenção dos valores culturais do lugar onde vivem. Portanto, é crucial que esses festejos e outros ritos culturais, sejam mantidos para que sua cultura não caia em declínio, e a escola é uma entidade importante nessa salvaguarda patrimonial imaterial.

Nesse sentido, continuo com a pesquisa questionando se “*A escola local discute a questão da cultura local com os alunos? Sim ( ) Não ( )*” e aí nesse percurso de questionamento alguns indícios ricos para o trabalho começam a aparecer,

Sim. A gente sempre discute, quando chega à época, principalmente quando chega à época junina, no mês de agosto trabalhamos o folclore, as lendas, conversa muito com eles, a questão da vestimenta, a questão das comidas, tudo isso a gente trabalha com eles aqui, os alunos, as histórias que eles contam daqui da comunidade: que aparece isso e aquilo, aí quando paramos para conversar com eles é mais quem conversa e puxa conversa, é mais quem tem assunto pra conversar, tanto os alunos como os pais também, eles gostam, se envolvem na conversa a respeito disso (Entrevista com professora, M. Nelma, 47 anos, realizada em 03.05.2019).

Assim a gente fala na proporção que aparece alguma coisa na sala de aula quando eles começam a falar, a gente trabalha, quando tem a festividade a gente fala superficial porque não pode falar só da religião católica, então a gente fala muito da igreja, então quando a gente discute a gente tem o aluno que é evangélico, o aluno que é católico, a gente procura agregar os dois, pra nem defender um e nem defender o outro, se respeitarem quem é católico respeitar quem é evangélico e vice-versa. Quem pode ir no igarapé eles falam muito do igarapé “a tia quando falta água vamos no igarapé” pra onde eles correm, eles tem que correr pro igarapé, “tia olha quando eu sair daqui

hoje eu vou pro igarapé porque lá em casa tá sem água”, “tia faltou água a bomba queimou e a gente tá tomando banho no igarapé”, “ontem eu não vim porque eu tava no igarapé”, então eles falam muito na questão do igarapé, tem muitos que tem igarapé no fundo de casa, e aí a gente vai trabalhando de acordo com que as oportunidades vão surgindo (Entrevista com professora, V. Martins, 41 anos, realizada em 07.05.2019).

Esses relatos apresentados evidenciam a escuta e atenção ao que as crianças da comunidade trazem para a sala de aula, as professoras tem essa sensibilidade de ouvir e querer saber delas como foi seu dia, o que fazem como está a relação familiar em suas casas, enfim, as docentes mostram nas suas falas que diferente de muitas outras escolas, essa trabalha sim aspectos da cultura local e busca em sua “práxis” educativa, fortalecer e envolver todos da escola. De modo que, ela possa ser esse “oásis” de preservação de alguns resquícios culturais desse povo.

Assim será que “*A escola trabalha a (re)construção e (re)significação da identidade cultural de São Raimundo? Sim ( ) Não ( )*”:

eles não tem muito mais aquela “cultura antiga”, já desmistificou mais isso, como é uma agrovila bem próximo de Castanhal, então a coisa aqui já mudou muito, mas principalmente a questão da agrovila São Raimundo que eles contam que aqui, logo no início era chamado de cabeceira do Apeú, depois de ramal São Raimundo, depois passou a ser agrovila São Raimundo, então tem tudo isso, a gente vai conversando com eles, quem são os antigos moradores, se eles conhecem, alguns ainda conhecem outros já não conhece, esses mais novos não tem muito conhecimento não. Aí a gente não trabalha muito a questão do santo São Raimundo, porque nós temos religiões diferentes, no mês de agosto tem a festividade é comentado e tudo, mas a gente não trabalha essa questão. A gente trabalha a agrovila em si. Porque a gente respeita cada uma das religiões, todas as religiões dependem do seu coração, porque eu acredito que igreja é o teu coração, as tuas ações e o que tu fazes no teu dia, não importa de que igreja você seja, importante que você faça o bem (Entrevista com professora, M. Nelma, 47 anos, realizada em 03.05.2019).

Sim, aqui essa questão da cultura tem umas lendas que o pessoal diz que tinha antigamente, não sei na agrovila como está essa questão hoje, quando eu entrei aqui os alunos mais antigos que tinham e eram os maiores, eles falavam dessas lendas e a gente trabalhava, quando chegava o tempo do folclore procurava trabalhar essa lenda com eles, muitos diziam: “a tia eu vi a luz e tal”, tem a história duma luz, tem o assovio que eles escutam, tem a história do peso aí que dizem que dá um peso na bicicleta e em certa parte da estrada, aí a gente trabalhava isso (Entrevista com professora, V. Martins, 41 anos, realizada em 07.05.2019).

Desse modo, registro nessas falas os indícios de que na agrovila São Raimundo havia logo nas suas origens aspectos ligado a contação de histórias, o devaneio criado e imaginado pelo caboclo, onde ele tem liberdade para criar os códigos morais de seu lugar baseado nos

entes sobrenaturais, que são responsáveis por guardar a natureza e tudo que nela existe. Consigo rastrear nessas falas indícios de uma cultura marcada tanto pelas coisas que os emigrantes<sup>9</sup> trouxeram na bagagem para colonizar esse local e assim “engrossar” ainda mais a miscigenação em nossa região, como também, há indícios de uma cultura entrelaçada na diversidade dos povos que saíram do Nordeste rumo a Amazônia.

Diante de tudo que fora apresentado e desse “entrelaçamento” sociocultural, será que a escola utiliza essas matrizes para enriquecer as aulas e até mesmo a formação do ecocidadão, da pessoa que lá está ensinando esses educandos, então “*De que forma a escola trabalha a cultura e a identidade cultural de São Raimundo?*”:

Se você for perguntar para esses alunos agora talvez eles não saibam, mas se você perguntasse para nossos alunos passados, eles têm bastante conhecimento disso, porque nós fizemos um trabalho aí dentro da comunidade a respeito da “monografia” da escola e da própria comunidade, então a gente fez umas pesquisas bem avançadas aí dentro. Como surgiu a agrovila? Quem foram os primeiros moradores da agrovila? Eu acredito que a gente até ainda tem aí na escola esse documento, das coisas que a gente fez. Com alunos, pais de alunos, contando as histórias do que acontecia aí, a gente fez um belíssimo trabalho (Entrevista com professora, M. Nelma, 47 anos, realizada em 03.05.2019).

Quando eu cheguei aqui tinha um projeto na escola que era “Escola Ativa” e todo ano a gente fazia esse movimento. No final do ano reunia todos os trabalhos que tinham feitos, escolhia uns e fazia tipo uma feira, e aí uma vez a gente trabalhou essa questão das lendas aqui, a questão da cultura, a gente foi buscar o patrono da escola, a questão do porque São Raimundo é chamado de São Raimundo, o que foi que deu origem a agrovila São Raimundo, culminando com o dia da conquista (Entrevista com professora, V. Martins, 41 anos, realizada em 07.05.2019).

Nesses relatos, registro que tinha um projeto desenvolvido na escola chamado “escola ativa” e esse projeto imprimia tanto nas atividades escolares, como também contribuía para que os alunos contassem e resgassem a matriz cultural da qual eles são parte. Ajudava no intuito de manter vivas essas raízes, mas como o leitor pode acompanhar isso já faz anos que aconteceu e, hoje já não há mais esses movimentos de salvaguarda cultural. Assim sendo, Sousa (2009) propõe “o que identifica um homem é sua cultura”, se ele perde esses valores este acaba por ficar sem cultura e, logo não pode ser identificada a um determinado lugar a qual pertença.

A equipe escolar foi mudando, as professoras mudaram seu jeito de trabalhar, os alunos também mudaram, e tanto que, esses alunos mais novos da atualidade não apresentam

---

<sup>9</sup> “Que ou quem emigra; emigrado. Mudar anualmente de terra” (FERREIRA, 1986, p. 634).

mais aspectos da cultura local, já estão mais envolvidos pelo que acontece na cidade, não tem mais essa relação com o ambiente rural, são mais entendidos e difíceis de serem ludibriados.

Entretanto é crucial que a comunidade esteja presente e viva no desenvolvimento dos seus filhos, pois a educação não depende da escola, mas do trabalho conjunto da família/escola, dito isso será que “*Esse trabalho envolve a comunidade (pais, responsáveis, moradores de São Raimundo)?*”:

Todo trabalho que é feito aqui com os alunos e a comunidade a gente envolve muito eles, hoje em dia até que está mais parado um pouco. Mas antes a gente envolvia muito mais a própria comunidade e todas as atividades eram feitas na escola, fazia muitas coisas na escola, e eles estavam presentes. Pai ajudava a gente a pintar a escola, a limpar a escola, a fazer jardim aqui na escola, a fazer horta na escola, tudo isso aqui à escola sempre teve. E é assim se você convidar, eles (pais) vêm mesmo, aqui nós temos os pais presentes, se você mandar um aviso, mandar algum recadinho, eles vêm (Entrevista com professora, M. Nelma, 47 anos, realizada em 03.05.2019).

O trabalho sim, geralmente envolve os pais, porque como a escola é pequena, tudo que a gente faz geralmente pra apresentar chamamos os pais, porque se for pra apresentar só pra comunidade da escola, só as crianças fica pouco, as crianças são poucas, aí a gente sempre procura trazer os pais, a comunidade pra tá prestigiando o que a gente tá fazendo aqui na escola (Entrevista com professora, V. Martins, 41 anos, realizada em 07.05.2019).

Nesse aspecto realmente a escola envolve a comunidade, inclusive eu participei de uma atividade, na qual presenciei a comunidade na escola assistindo a apresentação da “páscoa” de seus filhos, então é importante essa parceria no intuito de fazer com que os valores sejam fortalecidos e possam ser mantidos, pois esse trabalho de “formiguinha” é o fator chave para manter a raiz cultural, embora não estejam mais discutindo sobre esse assunto da cultura, ficando fixo a datas comemorativas, mas a presença de um professor que discute essa questão com a escola, fez com que as professoras mudassem e revissem seus planos de aula para as próximas atividades. Então isso é muito proveitoso e construtivo no sentido de que, ao menos deixei no consciente/pensamento dessas professoras algo que incomoda e que elas iram rever seus planejamentos, é reconfortante.

Contudo, esse movimento não deve ficar só no campo das ideias, mas partir para a “práxis” então será que “*Há trabalho pedagógico escolar com o saber popular? Sim ( ) Não ( )*. *Caso positivo. Como se deu tal trabalho?*”, nesse sentido elas afirmaram que:

[...] aqui no São Raimundo tem a vaquejada todo ano, e o povo da comunidade participa, é uma festa, participam do rodeio. E também eles contam muito essas histórias que tem uma ... aqui na Transcstanzhal aparece uma mulher com uma tocha de fogo na cabeça, que ela vai se aproximando

das pessoas que vem caminhando, e nós até colocamos assim pela forma como eles contam algum nome, por exemplo, botamos “a mulher da tocha de fogo, a lenda da mulher da tocha de fogo”, “a lenda da mulher do peso”, que dizem que quando vem na Transcastanhal altas horas da noite aparece uma mulher que senta na garupa da bicicleta deles e fica bastante pesada, que eles não conseguem pedalar aí quando chega mais ou menos bem aqui perto da escola, o peso some. Eles contam também que aparece um caixão aí dentro de São Raimundo, que eles veem um caixão, e aí eles contam essas histórias pra gente (Entrevista com professora, M. Nelma, 47 anos, realizada em 03.05.2019).

Quando eu cheguei aqui como os alunos já vinham de uma cultura aqui que os pais falavam mais e estava mais arraigada, agora não, a gente quase não fala nisso. Então as crianças já vão crescendo achando que essas lendas e histórias são mentira, que não existe, quando eu vou trabalhar o folclore, “tia o lobisomem não existe, matinta perera não existe, é mula sem-cabeça não existe”, aí eu costumo dizer pra eles assim: “eu nunca vi e nem quero ver, mas conta à lenda que era assim”, aí eu vou contar a lenda, aí as crianças ficam “tia não existe não existe ...”.

Então é uma cultura deles mesmo, porque essa geração agora ela é muito inteligente, muito focada, tem criança que acredita, tem criança que não acredita, então eu sou uma professora que eu procuro mostrar a realidade para a criança, (...) então a gente hoje em dia tem que trabalhar nas duas vertentes, aquele que acredita e aquele que não acredita. Porque se não, vou ser aquela professora que tira todo o encanto das crianças, então a gente trabalha nessa vertente se existe ou não, a gente trabalha assim mesmo (Entrevista com professora, V. Martins, 41 anos, realizada em 07.05.2019).

Então quando ouço as histórias e vejo as professoras relatando nos seus diálogos, fica evidente que há histórias dos “seres encantados” que esses entes não são ocorrências pura e somente de outras comunidades, mas que há forte presença aqui no São Raimundo, nas proximidades de Castanhal, e isso é muito interessante e profícuo para a pesquisa. Pois desde o princípio venho atrás dessas histórias, buscando levantar informações e gravar esses dados para que eles não se percam que esse patrimônio imaterial possa ser guardado e salvo nos livros e registros históricos.

Sobre o fato de ser verdade ou não essas ocorrências, para os moradores isso não tem nada de mito, mentira ou lenda, em alguns casos, segundo os moradores e as professoras as pessoas contam e replicam a história no sentido de influenciar e amedrontar outras pessoas, mas eles se apoiam nesses entes sobrenaturais para criar um tipo de código moral que rege e da direção à rotina do povo da comunidade.

Portanto, todos esses fatos são importantes no sentido de compreender como se originou a formulação das narrativas e ritos culturais das pessoas de nossas comunidades, daquilo que esse povo mais apresentava em questão de sua identidade. Contudo, é fundamental que as atividades na escola da comunidade sejam constantes, desse modo, “*Em*

*relação à identidade local da agrovila na escola Manoel Alfaia. Como é vivenciada essa interação? ”:*

A comunidade de São Raimundo a gente trabalha bastante em comunhão, escola/comunidade, muitas coisas que acontece dentro de São Raimundo eles comunicam a escola, convidam a escola, assim como, coisas que tem na escola a gente convida a comunidade então a gente tem uma relação muito boa (Entrevista com professora, M. Nelma, 47 anos, realizada em 03.05.2019).

Mas em questão daqui da comunidade dessas lendas, dessas coisas, eu particularmente não trabalho, até porque eu trabalho com os pequenos, e eu me traumatizei desde o dia que eu fiz um projeto sobre a dengue, que uma criança se traumatizou por causa que eu falei que o mosquito da dengue picava e infectava pessoas, que a pessoa podia morrer, então eu passo a informação, mas se eu ver que os alunos têm algum receio, eu tento trabalhar de outra maneira para que não aterrorize.

Eu trabalho muito a questão da violência, do não bater do não atirar, os alunos brincam aqui na sala mesmo, quando eu vejo eles brincando de tiro, porque é o que está no auge hoje, eu corto (Entrevista com professora, V. Martins, 41 anos, realizada em 07.05.2019).

Em relação à questão da interação, quando estava em campo presenciei atividades na qual a escola estava juntamente desenvolvendo uma ação que lá estavam presentes esses indivíduos da comunidade, então percebo que eles participam, são parte viva e presente na escola. Mas se olhar para a situação do indício sobre as lendas que são a parte identitária desse povo, as professoras trabalham isoladamente no período compreendido ao folclore e, muitas vezes, lembram datas comemorativas relacionadas ao que deu origem a agrovila São Raimundo sem ter aquela relação forte com os aspectos culturais, que antes eram mais vivos, pois hoje há diferenças em cultivar a cultura, de modo que, lá chegou outras religiões e a cidade se aproximou, gerando diversas mudanças na relação campo-cidade dessa comunidade, assim, chego à outra questão importante, *“A mitopoética amazônica “nada mais é, do que criações imaginárias nascidas da experiência local são histórias e narrativas que movimentam valores particulares da região e refletem uma cosmovisão<sup>10</sup> nos limites do horizonte da cultura do amazônida”, a escola trabalha esse saber popular em suas atividades? Sim ( ) Não ( )”:*

Sim, a gente trabalha principalmente quando chega o mês de agosto, trabalhamos as lendas, os mitos etc; usamos as lendas saci pererê, a mula sem cabeça, o lobisomem, o boto cor de rosa, então a gente trabalha muito essas lendas com os alunos, passa uma semana fazendo esse trabalho sobre o folclore brasileiro. Sobre as lendas, sobre o que significa o folclore, os costumes populares, o vestuário: como eles se vestem então tudo isso a gente

<sup>10</sup> “Concepção ou visão do mundo” (FERREIRA, 1986, p. 489).

trabalha aqui com os alunos (Entrevista com professora, M. Nelma, 47 anos, realizada em 03.05.2019).

E como eu tô te falando a gente trabalha muito essa questão na semana do folclore, das lendas, dessas histórias que as pessoas contam de antigamente, a gente trabalha muito (Entrevista com professora, V. Martins, 41 anos, realizada em 07.05.2019).

Nesse sentido, como já haviam relatado anteriormente, as docentes trabalham braços da cultura, mais especificamente o folclore como conhecemos, mas fica evidente que isso é lembrado durante o ano letivo somente em datas específicas, ficam estritamente presos a períodos marcados, de modo que, trabalham os valores morais, sociais, mas a cultura do povo da comunidade percebo que vai caindo em declínio, puro esquecimento com o avanço das gerações que lá vivem em contato com a tecnologia que muito contribui para a derrocada dessa cultura popular. No entanto, vamos à questão a seguir que traz mais fatos interessantes de serem compreendidos, “*Como você professor/a avalia o desempenho nas atividades escolares de seus alunos?*”:

Olha a atividade dos meus alunos e como eu falei, nós temos alunos já bem avançados, como nós temos alunos ainda com dificuldade, mas pelo trabalho que a gente faz, os nossos alunos estão bem desenvolvido. A gente trabalha tanto o livro, quanto o material didático, trabalha um pouco da lousa, da escrita da criança, trabalhamos também as partes xerocadas, então é uma atividade escolar bem diversa. Se trabalha as datas comemorativas. Então é um desempenho bem proveitoso.

(...)

Eu digo pra eles que todos os dias as atividades que eu passo em sala de aula, a gente tá avaliando, eu não passo aquela prova valendo 10, passo vários trabalhos, aí passo uma prova valendo 5, só que hoje nem tem isso como prova, mas como culminância das atividades, então é assim, trabalhando dessa forma o aluno ele se desenvolve melhor sabe, todo dia ele sabendo que você tá fazendo um trabalhinho com ele, traz de casa esse trabalho, muitos deles respondem a atividade sozinho, alguns precisam ainda da ajuda do professor, aí a gente trabalha de várias maneiras.

(...)

Apresentação de trabalho, eles apresentam os trabalhos deles, eles mesmo fazem o trabalho de arte, trabalho a cultura com eles, trabalho o português, a matemática, muitas vezes, eu trabalho interdisciplinar, passo apenas uma matéria e aí trabalho com as outras dentro daquele conteúdo, trabalha a matemática, a leitura, a escrita, então a gente desenvolve vários trabalhos com eles. E aí eu passo trabalho para os alunos, e aí às vezes eu peço pra eles avaliar um ao outro, vem aqui pra frente explicar o trabalho, aí eu digo bom agora é o fulano, é a turma que vai dar a nota! Aí eles vão avaliar os outros colegas “dão 9; 8,5; quando eles veem que o negócio é bom eles dão 10”, aí as vezes eles dizem “não esse teu não valeu não, vale só 5; só 6”, aí eles ficam tudo empolgado (Entrevista com professora, M. Nelma, 47 anos, realizada em 03.05.2019).

Sim. Tudo que a gente faz com essa geração agora é inusitada, são poucas as crianças que dizem que elas não conseguem fazer, sempre a gente faz alguma coisa e eles até gostam dessas coisas diferentes assim, sai trabalhos assim que a gente nunca imaginou que fosse sair de uma criança, coisas que eles falam, produzem e a gente fica às vezes até assustado, meu Deus ele conseguiu fazer isso, como ele conseguiu fazer isso (Entrevista com professora, V. Martins, 41 anos, realizada em 07.05.2019).

Sobre a questão do desempenho desses educandos, as docentes ponderam que hoje está muito diferente de anos atrás quando os alunos não eram muito ligados, “inteligentes” devido à era da tecnologia a qual estamos passando, o contato com esses aspectos antigamente não existiam, os lares eram mais controlados pelas famílias, os valores morais compunham a base do seio familiar, as comunidades tinham maior interatividade em se reunir e falar dos seus antepassados, coisa que na atualidade está se perdendo aos poucos e a nova geração muito mais ligada nas novidades e prazeres do mundo globalizado e tecnológico.

Assim, é fundamental que os planejamentos da equipe escolar se voltem para esse aspecto cultural e, deem evidência a esses resquícios de cultura que se não for trabalhada poderá cair no esquecimento e por ventura se perder de vez para a história. Logo, pergunto as professoras “*Com que importância você trata a cultura amazônica em sua aula?*”:

Olha eu acho que são coisas riquíssimas, pra gente se trabalhar, porque se você fosse focar só nisso, eu acho que você teria o ano todo coisa pra se trabalhar, sobre a nossa Amazônia, e até então eles gostam de trabalhar a Amazônia em si, seria muito bom, o nosso Pará ele é rico, rico em cultura, rico em muitas coisas, então quando a gente para pra fazer um trabalho os próprios alunos gostam, esses dias trabalhei a questão dos índios amazônicos, então tudo isso a gente volta pra cá pra eles, a gente fala pra eles, olha isso faz parte da nossa vida, isso aqui é nosso, é daqui, não é você trabalhar uma coisa que é lá de longe, então quando a gente trabalha com eles dessa forma, eles entende essa cultura amazônica. Porque, muitas vezes, o aluno já tem esse conhecimento, ele já traz essa bagagem de casa, se você perguntar uma coisa eles sabem responder, muitas coisas eles têm conhecimento, a gente trabalha no caminho de dizer que é importante a cultura amazônica (Entrevista com professora, M. Nelma, 47 anos, realizada em 03.05.2019).

Eu trabalho a cultura sim, a questão do boto, que muita gente acredita, “ah eu nunca vi um boto é uma lenda, é só uma lenda”, não “eu já vi um boto, eu não vi o boto homem aquele que se transforma, o peixe que se transforma em homem, o mamífero que se transforma em homem, mas eu já vi um boto”, porque eu também achava que era mentira, mas eu já vi um boto, então eu vou trabalhando essa questão das lendas, da mandioca como foi que surgiu a mandioca? Como foi que surgiu o açaí? Como foi que surgiu o guaraná? Eu gosto muito, quando eu trabalho as lendas folclóricas, eu trabalho as lendas do lobisomem, a cuca, as outras lendas, mas eu procuro sempre trazer as lendas daqui da região, eu gosto muito de trabalhar as lendas daqui, a nossa herança indígena, a questão que a gente foi descoberto aqui, porque o que adianta eu trabalhar uma cultura lá do sul, o que adianta

eu falar do negrinho do pastoreio lá não sei de onde, que o menino não tem nem contato e ele não conhecer a cultura daqui, então eu sempre falo e puxo muito pra nossa região (Entrevista com professora, V. Martins, 41 anos, realizada em 07.05.2019).

Diante dos argumentos citados pelas professoras, registro muitas evidências construtivas de aprendizado para com os alunos, pois há essa preocupação em trabalhar em sala e lembrar que narrativas de “seres encantados” ou os “entes sobrenaturais” compõem nosso campo imaginário e histórico da cultura popular de nossa região. É crucial perceber que esses assuntos são múltiplos, daria para se trabalhar o ano inteiro, então é importante sair da zona de conforto e sempre lembrar fora da semana do folclore que há valores e ritos culturais que rodeiam e são parte de nossa formação como cidadão amazônico.

Porém, a questão a seguir é fundamental nessa busca pela salvaguarda desse patrimônio que é parte integrante de nossa identidade, assim “*As práticas pedagógicas reforçam ou não a cultura como aspecto central da identidade? Sim ( ) Não ( )*”:

A gente reforça muito isso, nas reuniões, a gente reúne e faz esse plano de ação do que a gente vai trabalhar principalmente sobre as datas comemorativas, a gente vive reforçando essa cultura, a identidade, a gente sempre está voltando na identidade da escola, da comunidade (Entrevista com professora, M. Nelma, 47 anos, realizada em 03.05.2019).

Eu acho que reforça sim, porque quando você trabalha a cultura local, você vai está mostrando a identidade e reforçando a identidade daquela criança, daquela região, e aquela criança está ali, ela faz parte daquela região. Então ela tem sim que saber se é verdade ou não, é importante ela saber que o que ela está estudando e parte da cultura dela (Entrevista com professora, V. Martins, 41 anos, realizada em 07.05.2019).

Nos relatos das professoras fica negrito essa importância e valor, que é reforçado em reuniões, atividades escolares, projetos, enfim, tudo é feito e pensado para que a criança saiba sua raiz sociocultural e o que compõe a origem de seu povo, não importando o conceito de “verdade ou mentira”, mas o valor que essas histórias têm na formação do eco-cidadão. Em seguida, “*Quais recursos didáticos você costuma utilizar nas suas aulas em relação à cultura?*”:

Cartaz, cópias, livros, trabalha assistindo vídeos, músicas, tudo isso a gente usa como recurso didático na escola: o próprio aluno, o professor; tudo entra como materiais que a gente trabalha. A gente sabe que são recursos humanos, mas ao mesmo tempo eles são um recurso didático, porque eles mesmos, tão nesse trabalho (Entrevista com professora, M. Nelma, 47 anos, realizada em 03.05.2019).

Os recursos didáticos que a gente trabalha muito, é o filme, é música, a gente faz cartaz, desenhos, esses tipos de material que a gente trabalha (Entrevista com professora, V. Martins, 41 anos, realizada em 07.05.2019).

Sobre os materiais que as docentes mais utilizam para o trabalho com a cultura da comunidade e do país, ficaram evidente coisas básicas que toda escola tem, por ser uma escola rural, muitos materiais a equipe tira do próprio bolso para desenvolver um trabalho com qualidade. O que o governo repassa não sana em linha geral tudo que a escola necessita.

Nesse sentido, somado aos investimentos em materiais didáticos é crucial a formação constante da equipe escolar que está em contato diário com os alunos, em seguida, embarco na próxima questão: *“Você já participou de projeto ou formação relacionado a valores culturais, saber popular ou identidade local? Sim ( ) Não ( ). Caso positivo explique? (Qual? Onde? Como?)”*:

Sim, já participei. Foi à secretaria de educação - SEMED que organizou, principalmente quando da formação continuada, os meninos (professores orientadores da rede) que trabalhavam lá na época que tinha o projeto “contadores de história”, trabalhavam muito isso, a gente tinha encontros mensais com os “contadores de história” eles trabalhavam muito essa questão dos valores culturais, o curupira, essas coisas tudo eles trabalhavam, então era muito bacana, bonito. Como eu cheguei a trabalhar na sala de leitura, a gente trabalha muito essas questões assim dos valores culturais com as crianças, fazendo um trabalho com eles no dia a dia. Então, a gente contava a história, mandava recontar a história, eles conto da maneira deles as histórias, aí um conta de um jeito, outro conta de outro, a gente participou de algumas formações pela SEMED, e participamos também dentro de Castanhal mesmo, participamos de “mandalas” que são rodas de conversas voltado pra esses valores culturais (Entrevista com professora, M. Nelma, 47 anos, realizada em 03.05.2019).

Sim. Eu já participei pela prefeitura, eu não sei se você chegou a ver, na gestão passada a gente tinha um projeto chamado “japim” aqui em Castanhal, era um grupo de professores que eles trabalhavam com os professores da rede municipal e eles levavam a gente a fazer, nós fazíamos “mandalas” de estudos de histórias, então ele levava sempre a gente pra uma região tipo um sítio pra um local diferente, lá ele mostrava uma lenda, contava uma história, eles dramatizam, eles ensinavam pra gente a contar uma história de uma maneira diferente, e lá a gente aprendia muita coisa, muita didática diferente pra trabalhar esse contexto de história, de lenda na sala de aula, e era se não me engano de dois em dois meses que a gente tinha encontros e aí cada professor, cada escola ficava responsável em representar e apresentar alguma coisa. Aí encenava lá e depois a gente ia debater em cima daquela história ou lenda, então era bem interessante, era uma formação que a gente tinha aqui, infelizmente, a gestão atual acabou com esse projeto, inclusive até o professor que era o responsável, que era o prof. Roberto de Artes, até faleceu. Mas a gente aprendia muito. Era muito divertido. Eles ensinavam pra gente trazer essa dinâmica para as crianças, então a formação, a cultura, tudo era voltado no sentido de praticar na sala de aula. Uma vez eles vieram encenar aqui na escola até a história da matinta

perera, fizeram aqui. Foi muito interessante (Entrevista com professora, V. Martins, 41 anos, realizada em 07.05.2019).

Nesse relato destacado pelas docentes, ficou muito evidente que elas participaram de atividades que somaram a sua formação docente, mas que isso, com a troca de gestão municipal do governo acabou prejudicando projetos e formações que tinham relação com o reforço de nossa cultura popular amazônica e isso é ruim, pois, quando as professoras participam desses encontros e mergulham nesse mundo do devaneio, do imaginário, e há participação de pessoas que tem formação e experiência no trato com tal tema é algo enriquecedor, que promove crescimento e valorização do trabalho com a cultura.

Logo, toda essa pesquisa foi importantíssima para evidenciar como há muitos braços culturais e que a Mitopoética é parte do contexto da cultura, como também, deve ser trabalhada e evidenciada nas atividades escolares da comunidade. De fato, inquirir as docentes se ainda tinham algo para relatar, “*Professor tem algo que você gostaria de falar que eu não tenha perguntado?*”:

Eu até perguntei assim, o que esse menino faz aqui, tanta coisa para falar, vai falar de lenda pelo amor de Deus (risos), mas aí depois a gente para pra pensar e ver que realmente é importante. Eu agora conversando contigo, veio assim mil ideias na minha cabeça, de que realmente a gente não trabalha a realidade da comunidade, coisas que as crianças hoje talvez elas não saibam, mas os pais, avós, já vivenciaram isso e a gente não conta, a gente não sabe, a gente não incentiva eles a resgatarem os valores, se aconteceu ou se não aconteceu, quem viu quem não viu ou se não acontece mais, mais um dia alguém relatou que viu que vivenciou, então é bem interessante e aí eu pensando aqui, é eu vou até bolar alguma coisa que já vai ajudar nas próximas atividades escolares das crianças (Entrevista com professora, V. Martins, 41 anos, realizada em 07.05.2019).

Quando eu precisei fazer o histórico aqui da escola, que eu fui com o senhor que era presidente da comunidade, ele me deu algumas coisas daqui, falando da agrovila, da escola, então essa pesquisa da escola Manoel Alfaia é a que nós temos, foi uma pesquisa que eu e a diretora daqui da escola fizemos com os filhos do Manoel Alfaia a respeito da escola Manoel Alfaia, quem foi Manoel Alfaia?, então a gente tem algumas coisas do Manoel Alfaia que foram os próprios filhos que relataram pra nós, a respeito dele. E da agrovila São Raimundo temos algumas coisas, nós temos a data de quando passou a ser agrovila e a escola Manoel Alfaia a gente só tem o ano e o mês, antes essa escola era chamada de Francisco Bezerra e ela ficava na entrada do São Raimundo, aí desativaram ela de lá, aí construíram na época do Dr. Soares, essa escola: uma sala de aula, uma secretaria, uma copa, aí já botaram outro nome na escola. Até mandamos fazer réplicas das placas de quem construiu? Quem foi? Acredito que o povo não sabe. Ninguém sabe o dia, ficou homenageado no mês de maio a escola. Foi na época do projeto da “Escola Ativa” que a gente teve a necessidade de procurar fazer o histórico da escola, o histórico da comunidade, aí aproveitamos para fazer tudo de uma vez (Entrevista com professora, M. Nelma, 47 anos, realizada em 03.05.2019).

Neste último relato, as professoras enfatizaram a questão de reativar projeto e atividades na temática, abordar esses valores e narrativas culturais que elas há algum tempo já não trabalha, de fazer um trabalho com esses alunos mais novos que não tem muito conhecimento da sua identidade, enquanto indivíduo da comunidade São Raimundo, é crucial a união e interação entre escola/comunidade na lembrança e plantar uma semente sociocultural da matriz de onde se originou esse povo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

**O olho vê,  
A memória re-vê  
A imaginação trans-vê  
(Manoel de Barros)**

Este trabalho foi fruto de um percurso que começou lá no Projeto “Encantados...”, quando fui bolsista durante um ano e meio e que de uma forma bem especial marcou minha vida, representa as tomadas de decisões que tive a frente do projeto. Foram experiências de grande significado e aprendizado, ajudou muito a chegar até aqui. Além de ser significativo o retorno à comunidade São Raimundo como missão de ajudar a equipe da escola com teorias e contribuições a sua “práxis” educativa.

O trabalho começou com as leituras e pesquisa bibliográfica, passando por catalogação de documentos oficiais do governo e da própria comunidade, fazendo o levantamento das fontes e, quem seria os teóricos que orientariam nosso percurso de produção científico acadêmica.

Além disso, foi importante essa pesquisa no intuito de evidenciar a catalogação e guarda dos ritos culturais desse povo, de modo que, a comunidade devido à proximidade com o meio urbano está perdendo em grande parte alguns aspectos de sua cultura, como: o cultivo da terra; a relação de respeito e guarda da natureza; esquecimento das histórias orais que são parte de sua origem etc; tudo isso venho dar ênfase no sentido de pontuar que a relação com o espaço urbano é boa, mas e os problemas que ela pode afetar essa comunidade, como: lixo jogado na beira da estrada, derrubada dos últimos resquícios de floresta, poluição dos rios, entrada da violência e outros.

Outro fator, de importância é a escola, sem ela não há como transformar a realidade caótica da civilização humana, assim em seus espaços a unidade escolar já trabalhou, aspectos relacionados aos valores culturais dessa comunidade, assim como, a equipe da escola já

passou por formações que em grande parte ajudaram nessa (re)significação da cultura local, mas que isso não pode ser deixado de lado, como percebi em algumas posições de seus relatos, deve ser um trabalho contínuo e durante o ano todo.

É importante que a escola possa chamar a comunidade e manter viva na cultura deles, como afirma Loureiro (2001), há ideia das crenças, costumes, histórias e ritos culturais deles que lhe são comuns e que os identifica que é na verdade a cultura viva desse povo. E o lugar onde eles podem resistir às investidas da globalização.

É importante que a natureza em todos os sentidos seja preservada, pois é a partir da floresta, dos córregos, nascentes e rios, assim como, de toda sua fauna e flora que o panteão dos deuses e seres “encantados” se materializa, essas histórias e narrativas são parte do patrimônio imaterial de nossa região. O sobrenatural presente na narrativa é relacionado também aos seres “encantados”, de modo que, Sousa (2009) destaca “o mundo, interpretado a partir da presença do ser sobrenatural pelo homem mítico revela sua interferência na vida das pessoas. Acredita-se que o que acontece ao entorno depende da ação dos deuses”.

Estes seres e entes sobrenaturais desconhecidos são a marca, o carimbo, da nossa cultura amazônica paraense. Para Loureiro (2001), os “encantados” na cultura amazônica formam uma “espécie de vetor mitológico que se destaca esteticamente e que se insere no sistema do universo cultural amazônico”.

Ao fim deste trabalho, posso afirmar que esta tarefa não foi fácil, mas em nenhum momento foi um fardo para mim, muito pelo contrário, estudar e pesquisar sobre um assunto que tanto me interessa e motiva, que é a cultura amazônica, foi um prazer imenso, no qual pude aprender muito e visualizar com um foco diferente e único as relações socioculturais da minha cultura, o resgate desses aspectos e sua salvaguarda, para que isso não morra e, nem evapore. Seja eternizado nesse trabalho e em muitos outros.

Nesse sentido, ficam algumas posições para reflexão do leitor, como manter um trabalho contínuo dentro de sala usando a cultura amazônica? Será que eu como professor estou trabalhando esse assunto em sala com meus alunos? Esse conteúdo tem vez ou ele fica a parte no meu planejamento durante o ano? A cultura popular da minha região tem espaço na interação e desenvolvimento de aulas e alunos? Isso fica como alguns pontos para que o professor fique atento e tenha em mente que não há identidade e valores morais sem trabalhar aspectos da cultura do indivíduo que lá está dentro de sala, ele tem um conhecimento válido e interessante também. Fica o lembrete!

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, NICOLA. **Dicionário de filosofia**. Trad. Alfredo Bossi, Ivone Castilho Benedetti. 5ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ALVES, JEFFERSON D. S.; DIAS, LUIZ C. D. C. **O imaginário infantil como processo e percurso de observação, investigação, intervenção das narrativas de encantarias, assombrações e visagens na agrovila São Raimundo – Município de Castanhal/PA**. In: Encontro Paraense dos Estudantes de Pedagogia – EPEPE, 22, 2017, Bragança-PA. Anais... Bragança: EPEPE, 2017b. p. 01-09.

ALVES, JEFFERSON D. S.; DIAS, LUIZ C. D. C. **Relatório do Projeto de Extensão: ENCANTADOS – A Mitopoética Cultural Amazônica como Elemento Educativo Socializador**. UFPA: Castanhal. 26 p. 2017a.

ARAÚJO, E.M.E.I.F. Manoel Deodoro Alfaia de. **Projeto político pedagógico: Escola e família: valorizando os saberes e os fazeres do campo**. São Raimundo: Castanhal. 31 p. 2017/2018.

ARAÚJO, E.M.E.I.F. Manoel Deodoro Alfaia de. **Relatório Histórico-Social: Escola e comunidade: elo de integração no processo educativo**. São Raimundo: Castanhal. 32 p. 2010.

BACHELARD, GASTON. **A poética do devaneio**. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BHABHA, HOMI K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BOSI, ECLÉA. **O tempo vivo da memória: ensaios da psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRANDÃO, CARLOS R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

BRANDÃO, CARLOS R. **A educação como cultura**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. 562p.

BRASIL. “**Entenda o que é cultura popular e suas diferentes manifestações**”. 2019. Disponível em: <http://culturaspopulares.cultura.gov.br/entenda-o-que-e-cultura-popular-e-suas-diferentes-manifestacoes/>. Acesso em: 01 maio 2019.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm). Acesso em: 21 dez. 2018.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Diretrizes e bases da educação nacional**. Disponível em: [www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm). Acesso em: 21 dez. 2018.

BRASIL. Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999. **Política Nacional de Educação Ambiental**. Disponível em: [www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19795.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19795.htm). Acesso em: 21 dez. 2018.

BRASIL. Ministério da Cultura/IPHAN. **Os Sambas, As Rodas, Os Bumbas, Os Meus e os Bois** – princípios, ações e resultados da política de Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial no Brasil. Brasília. 2ª Edição, 2010.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997. 126p.

BRAYNER, NATÁLIA G. **Patrimônio cultural imaterial: para saber mais**. Brasília, DF: IPHAN, 2007.

CRUZ, NATHÁLIA D. C. **As mitopoéticas na obra de Paulo Nunes: ensaio sobre Literatura e Educação na Amazônia**. Dissertação (Mestrado em Educação). Belém: UEPA, 2013.

DESLANDES, SUELY F.; NETO, OTÁVIO C.; GOMES, ROMEU; MINAYO, MARIA C. D. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

DURAND, GILBERT. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário: introdução à arquetipologia geral**. Tradução de Hélder Godinho. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

FARES, JOSEBEL A. (Org.). **Diversidade Cultural: temas e enfoques**. Belém: Unama, 2006. (Coleção Linguagens: estudos interdisciplinares e multiculturais – v. 2)

FERREIRA, AGRIPINA E. A. **Dicionário de imagens, símbolos, mitos, termos e conceitos Bachelardianos** [livro eletrônico]. Londrina: Eduel, 2013.

FERREIRA, AURÉLIO B. D. H. **Novo dicionário da Língua Portuguesa**. 2. ed. ver. e aument. Editora: Nova Fronteira, 1986.

FREIRE, PAULO; SHOR, IRA. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

GOMES, JUSCILENE D. R. **Mitopoética Amazônica: as influências das narrativas orais na comunidade de Jenipaúba - Colares - Pará/Brasil**. Trabalho de Conclusão de Curso – Licenciatura em Letras. Castanhal: UFPA, 2013.

HALBWACHS, MAURICE. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HORTA, MARIA D. L. P.; GRUNBERG, EVELINA; MONTEIRO, ADRIANE Q. **Guia básico da educação patrimonial**. Museu Imperial/DEPROM-IPHAN-MINC. [200-]. 58 p.

KANT, EMMANUEL. **Critique de la faculté de Juger**. Trad. A.J.J. Delamarre. Paris, Gallimard, 1985.

LAKATOS, EVA M.; MARCONI, MARINA D. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. 7. reimpr. São Paulo: Atlas, 2009.

LOUREIRO, JOÃO D. J. PAES. **Cultura amazônica**: uma diversidade diversa. Belém: UFPA, 2005. (Série Aula Magna, n. 2)

LOUREIRO, JOÃO D. J. PAES. **Cultura amazônica**: uma poética do imaginário. Obras reunidas. Textos introdutórios de Benedito Nunes e Octavio Ianni. São Paulo: Escrituras, 2001.

MOISÉS, MASSAUD. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 2004.

NUNES, PAULO. **Literatura de Expressão Amazônica**. Unidade I – Abrindo Trilhas: por um conceito e para uma caracterização da Cultura Amazônica. Belém: UNAMA, 2005. (Material Didático)

PINHEIRO, DJAIRE B. **A lenda do bianor como elemento de aprendizagem na vila de mutucal - Curuçá-Pá**. Trabalho de Conclusão de Curso – Licenciatura em Pedagogia. Castanhal: UFPA, 2018.

ROCHA, EVERARDO. **O que é mito**. Editora brasiliense. 1996.

SEVERINO, ANTÔNIO J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SOUSA, ANERVINA. **As lendas em sala de aula** – apropriação da cultura e formação sociocultural das crianças na interpretação do ser sobrenatural. Manaus: Editora Valer, 2009.

**ANEXOS**

## ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Universidade Federal do Pará  
Campus Universitário de Castanhal  
Faculdade de Pedagogia  
Pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso – TCC  
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE

### Prezado(a) Professor(a)

Vimos convidá-lo(lá) a participar da pesquisa intitulada “**A mitopoética amazônica nas percepções de discentes numa escola da agrovila de São Raimundo em Castanhal - PA**” que tem o objetivo evidenciar se e como a escola trabalha a educação patrimonial imaterial, especificamente a mitopoética amazônica, dentro da escola.

**A participação é voluntária.** Caso o(a) senhor(a) aceite participar, solicitamos a permissão para que possamos entrevistá-lo(lá) pessoalmente, em horário e local de sua conveniência, e utilizar esse material para a pesquisa. Pedimos a permissão para que a entrevista seja gravada em áudio. Esses procedimentos, em princípio, não trazem riscos ou desconfortos, uma vez que a entrevista abordará temas referentes à metodologia utilizada em diferentes espaços escolares e não escolares.

O(a) entrevistado(a) terá a sua identidade utilizada apenas nos trabalhos acadêmicos que posteriormente serão apresentados. As gravações realizadas serão utilizadas apenas pelos pesquisadores da equipe e somente os seus resultados serão utilizados em publicações, congressos ou atividades acadêmicas com a finalidade de embasar aspectos sobre a educação patrimonial imaterial, especificamente a mitopoética amazônica dentro da escola.

Qualquer informação adicional ou esclarecimentos acerca desta pesquisa poderão ser obtidos pelo telefone dos pesquisadores: **Assunção Amaral** (orientador): (91) 9XXXX-4478 e **Jefferson Alves** (pesquisador): (91) 9XXXX-3244.

Eu, \_\_\_\_\_  
considero-me informado(a) sobre a pesquisa “**A mitopoética amazônica nas percepções de discentes numa escola da agrovila de São Raimundo em Castanhal - PA**” e aceito participar da mesma, consentindo que a entrevista seja gravada em áudio, e que os dados utilizados serão para análise e discussões científicas.

Castanhal/PA, \_\_\_/\_\_\_/2019

\_\_\_\_\_  
Assinatura do entrevistado (a)

\_\_\_\_\_  
Assinatura do pesquisador (a)

## ANEXO B - CARTA DE INFORMAÇÃO PARA OS PAIS/RESPONSÁVEIS



Universidade Federal do Pará  
Campus Universitário de Castanhal  
Faculdade de Pedagogia  
Pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso – TCC  
**Carta De Informação Para Os Pais/Responsáveis**

Caro Pai/Mãe/Responsável

Solicitamos seu consentimento para que seu filho(a) participe da pesquisa intitulada: **A MITOPOÉTICA AMAZÔNICA NAS PERCEPÇÕES DE DISCENTES NUMA ESCOLA DA AGROVILA DE SÃO RAIMUNDO EM CASTANHAL - PA** e concentre-se em analisar os saberes e práticas educativas impressos nas atividades que envolvem a identidade cultural do “povo de São Raimundo”. Envolverá registros em áudio e imagens (fotografias). Os jovens e crianças poderão ser gravados e fotografados enquanto conversarem e interagirem durante suas atividades cotidianas no local da pesquisa.

O nome das crianças e jovens não aparecerão nos relatos escritos da pesquisa.

Como abordagem ética da pesquisa asseguro-lhe que:

- As crianças estarão realizando suas atividades cotidianas de maneira usual;
- As crianças ou jovens não serão identificados ou chamados pelo nome;
- As fotografias só serão usadas para propósito de pesquisa.

Jefferson da Silva Alves - Responsável pela pesquisa.

### FORMULÁRIO DE CONSENTIMENTO PARA PAIS/RESPONSÁVEIS

Concordo (  ) Não concordo (  ) em deixar meu filho:

\_\_\_\_\_ participar da pesquisa conduzida por Jefferson da Silva Alves na agrovila de São Raimundo.

Entendo que os registros de áudio, desenhos e fotografias só serão utilizados para fins de pesquisa e acadêmicos. Qualquer informação adicional ou esclarecimentos acerca desta pesquisa poderão ser obtidos pelo telefone dos pesquisadores: **Assunção Amaral** (orientador): (91) 9XXXX-4478 e **Jefferson Alves** (pesquisador): (91) 9XXXX-3244.

Assinatura do Responsável: \_\_\_\_\_

Castanhal/PA, \_\_\_/\_\_\_/2019

## ANEXO C – FICHA DE ENTREVISTA PARA PROFESSORES



Universidade Federal do Pará  
Campus Universitário de Castanhal  
Faculdade de Pedagogia  
Pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso – TCC

**PESQUISA: A mitopoética amazônica nas percepções de discentes numa escola da agrovila de São Raimundo em Castanhal - PA**

### ENTREVISTA – COM OS PROFESSORES DA AGROVILA DE SÃO RAIMUNDO

#### I - IDENTIFICAÇÃO

a) Nome: \_\_\_\_\_

b) Idade: \_\_\_\_\_ c) Sexo: Masc. ( ) Fem. ( )

d) Naturalidade: \_\_\_\_\_

e) Escolaridade: Analfabeto ( ) Ens. Fund. ( ) Ens. Médio ( ) Magistério ( )  
Ens. Superior ( )

f) Você é professor(a) habilitado(a) para ministrar aulas para quais anos?

---



---

g) E hoje você leciona pra quais anos?

---



---

h) Há quanto tempo você trabalha em São Raimundo: \_\_\_\_\_

i) Você gosta de trabalhar em São Raimundo? \_\_\_\_\_

#### II - PESQUISA COM OS PROFESSORES

01) Você é de São Raimundo? ( ) Sim ( ) Não. Se **não**, há quanto tempo você mora em São Raimundo:

---



---

02) Você tem outra profissão além da docência nessa localidade? ( ) Sim ( ) Não. Qual?

---



---

03) Qual a sua formação acadêmica? ( ) Magistério - 2º Grau ( ) Graduação em \_\_\_\_\_  
( ) Pós-Graduação em \_\_\_\_\_

04) Há quanto tempo você exerce a docência nessa escola de São Raimundo?

---

05) Qual o motivo de você lecionar aulas em São Raimundo?

---

06) Você conhece bem a cultura de São Raimundo? ( ) Sim ( ) Não. O que você conhece dessa cultura?

07) A escola local discute a questão da cultura local com os alunos? Sim ( ) Não ( )

08) A escola trabalha a (re)construção e (re)significação da identidade cultural de São Raimundo? Sim ( ) Não ( )

09) De que forma a escola trabalha a cultura e a identidade cultural de São Raimundo?

10) Esse trabalho envolve a comunidade (pais, responsáveis, moradores de São Raimundo)?

11) Há trabalho pedagógico escolar com o saber popular? Sim ( ) Não ( ). Caso positivo. Como se deu tal trabalho?

12) Em relação a identidade local da agrovila na escola Manoel Alfaia. Como é vivenciada essa interação?

13) A mitopoética amazônica “nada mais é, do que criações imaginárias nascidas da experiência local, são histórias e narrativas que movimentam valores particulares da região e refletem uma cosmovisão nos limites do horizonte da cultura do amazônida”, a escola trabalha esse saber popular em suas atividades? Sim ( ) Não ( )

14) Como você professor(a) avalia o desempenho nas atividades escolares de seus alunos?

15) Com que importância você trata a cultura amazônica em sua aula?

16) As práticas pedagógicas reforçam ou não a cultura como aspecto central da identidade? Sim ( ) Não ( )

17) Quais recursos didáticos você costuma utilizar nas suas aulas em relação a cultura?

18) Você já participou de projeto ou formação relacionado a valores culturais, saber popular ou identidade local? Sim ( ) Não ( ). Caso positivo explique? (Qual? Onde? Quando? Como?)

19) Professor tem algo que você gostaria de falar que eu não tenha perguntado?

**ANEXO D – FICHA DE ENTREVISTA PARA MORADORES****ENTREVISTA – COM OS MORADORES DA AGROVILA DE SÃO RAIMUNDO****I - IDENTIFICAÇÃO**

- a) Nome: \_\_\_\_\_
- b) Idade: \_\_\_\_\_ c) Sexo: Masc. (  ) Fem. (  )
- d) Naturalidade: \_\_\_\_\_
- e) Escolaridade: Analfabeto (  ) Ens. Fund. (  ) Ens. Médio (  ) Ens. Superior (  )
- f) Há quanto tempo você mora em São Raimundo: \_\_\_\_\_
- g) Você gosta de morar em São Raimundo? (  ) Sim (  ) Não \_\_\_\_\_

**II - PESQUISA COM OS MORADORES**

- 01) Nas atividades relacionadas ao seu trabalho, como você se identifica:  
Agricultor ou agricultora (  ) Produtor ou produtora (  ) outras atividades. Qual?
- 02) Dos produtos que você cultiva, qual o mais importante para sua sobrevivência e de seu grupo familiar?
- 03) Além desse trabalho do campo, você desenvolve outra atividade para aumentar a sua renda familiar? (  ) Sim (  ) Não. Qual?
- 04) Que histórias de “seres encantados” vocês mais ouviram de seus antepassados?
- 05) Que rituais ou festas vocês aqui da comunidade mais participam e comemoram?